



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Beatriz Sousa Peixoto

**Ensinar Português no 12º ano de escolaridade:
da leitura de textos literários ao
desenvolvimento de competências
de uso da linguagem**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Beatriz Sousa Peixoto

**Ensinar Português no 12^o ano de escolaridade:
da leitura de textos literários ao
desenvolvimento de competências
de uso da linguagem**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Português no 3^o Ciclo do Ensino Básico
e no Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação do
**Professor Doutor José António Brandão Soares
de Carvalho**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Terminar este mestrado representa uma conquista pessoal: o culminar de uma etapa importante e o começo de tantas outras. Foram dois anos nesta casa que é a Universidade do Minho, vividos como uma montanha-russa de emoções com muitos altos e baixos pelo caminho. Assim, não poderia deixar de aproveitar este momento especial e dedicar algumas palavras a todos os que me acompanharam ao longo desta jornada e permitiram-me chegar até aqui.

Em primeiro lugar, gostaria de dirigir os meus sinceros agradecimentos à minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, por todo o apoio neste percurso académico. Confesso que foram muitas as saudades de casa, os momentos difíceis e as lágrimas escondidas atrás de um ecrã.

À minha orientadora de estágio, Emília Monteiro, e ao supervisor e diretor de Mestrado, José António Brandão Soares de Carvalho, agradeço todo o conhecimento transmitido, a preparação da prática pedagógica e a disponibilidade que sempre demonstraram durante a realização do estágio ao longo de todo o ano letivo. A leveza das nossas reuniões, permitiu-me trilhar este caminho de aprendizagem ao meu ritmo, com a dose certa de motivação que me fez acreditar e trabalhar neste estágio até ao fim.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, dedico, também, uma palavra especial de apreço e agradecimento por todo o conhecimento partilhado.

Devo recordar, ainda, o acolhimento e a disponibilidade sem reservas por parte da Direção da Escola na qual fiz o estágio.

Aos meus colegas de mestrado e à minha colega de estágio, obrigada por tudo. Sem todo este espírito envolvente de companheirismo e entreatajuda, este percurso jamais seria tão bonito como foi.

Um agradecimento final e muito especial ao meu namorado que a meu lado sempre demonstrou apoio incondicional ao longo de todo este percurso.

A todos vós, que sempre acreditaram em mim, o meu sincero agradecimento.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Ensinar Português no 12º ano de Escolaridade: da leitura de textos literários ao desenvolvimento de competências de uso da linguagem

RESUMO

Este relatório diz respeito à prática pedagógica realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, sendo esta efetuada no âmbito do 12º Ano de Escolaridade.

A disciplina de Português, uma área curricular que apresenta um carácter multidimensional, engloba diferentes domínios, constituindo um saber complexo que pode obstaculizar o seu entendimento e aprendizagem, não permitindo a evolução necessária dos alunos.

Tendo este pressuposto como ponto de partida, procurou-se desenvolver um conjunto de estratégias que, a partir da abordagem de um conjunto de textos definidos pelos documentos programáticos para a área da Educação Literária no 12º Ano de Escolaridade, permitissem o desenvolvimento dos alunos no que se refere aos diferentes domínios de uso da linguagem, falar, ouvir, ler e escrever, bem como um aprofundamento do conhecimento de natureza gramatical. Tendo como pano de fundo a leitura de um conto e de poesia, procurou-se promover as competências de uso da linguagem dos alunos e as suas capacidades de aprendizagem, bem como o desenvolvimento de uma postura de abertura aos outros e à compreensão do mundo que os rodeia.

A implementação deste projeto de intervenção traduziu-se num processo de crescimento da estagiária, nos planos pessoal e profissional, permitindo o desenvolvimento das competências de natureza diversa necessárias no ensino do Português e o aprofundamento da consciência crítica que deve sustentar toda a ação docente.

Palavras-chaves: aprendizagem, domínios, Português.

Teaching Portuguese in the 12th year of school: from reading literary texts to developing skills

ABSTRACT

This report concerns the internship carried out within the scope of the Master in the Teaching of Portuguese Language in the 3rd Cycle of Basic Education and in Secondary Education. Pedagogic Practice took place in the context of one 12th grade class.

Portuguese Language is a curricular area that has a multidimensional character, involving different domains and implying a complex kind of knowledge that can hinder its understanding and learning, not allowing the necessary evolution of the students.

Having this assumption as a starting point, we sought to develop a set of strategies that, based on the analysis of the texts defined by the syllabus regarding the Literary Education in the 12th Year of Schooling, would allow the development of students in the different domains of language use, such as speaking, listening, reading and writing, as well as a deepening of grammatical knowledge. Based on the reading of a tale and poetry we aimed at promoting students' language skills and their learning abilities, as well as the development of an attitude of openness towards the others and the understanding of the world around them.

The implementation of this intervention project resulted in a process of growth for the student teacher, both personally and professionally, allowing the development of the different skills involved in the teaching of Portuguese Language and the deepening of the critical awareness that should support any teaching practice.

Key words: domains, learning, Portuguese.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
Identificação e contextualização do Estágio Profissional	3
1. Prática de Ensino Supervisionado	4
2. Descrição da turma	5
3. Cronograma das aulas	6
4. Planificação Anual de atividades	7
Capítulo II.....	9
Fundamentação Teórica.....	9
1. Leitura	10
1.1 O conceito de leitura.....	10
1.2 Funções da leitura em contexto escolar	11
1.3 A relação dos alunos e dos professores com a leitura.....	12
1.4 A compreensão na Leitura	13
1.5 Estratégias de Leitura	14
2. Educação Literária	15
2.1 A leitura e a Educação Literária nos textos orientadores	16
3. Escrita	17
4. Oralidade	18
5. Gramática	18
Capítulo III	20
Intervenção Pedagógica.....	20
1. Leitura/Educação Literária	21
Atividade 1- Classificação de afirmações.....	21
Atividade 2- Quiz acerca das personagens	22
2. Escrita	24
Atividade 1- Produção de uma notícia.....	24
Atividade 2- Escrita criativa: produção de uma quadra	26

3. Oralidade.....	28
Atividade 1- Análise de uma imagem.....	28
Atividade 2- Análise de uma sequência de imagens.....	29
4. Gramática.....	30
Atividade 1- Sequências Textuais.....	30
Atividade 2- Exercícios na aplicação Milage+Aprender.....	32
Capítulo V.....	34
Metodologia de recolha de dados: Avaliações.....	34
1. Avaliação dos alunos do desempenho da professora.....	35
2. Questionário acerca da prática de ensino.....	36
3. Votação.....	37
4. Notas dos testes.....	38
Considerações Finais.....	40
Referências Bibliográficas.....	43
Anexos.....	45
1. Conto Sempre é uma companhia.....	45
2. Definição e características do Conto.....	52
3. Questionário sobre o conto Sempre é um companhia.....	53
5. Exemplos de notícias.....	55
6. Sequências textuais- PowerPoint.....	57
7. Questionário acerca da prática de ensino.....	58
8. Avaliação dos alunos do desempenho da professora.....	64
9. Teste.....	65
10. Planificação Anual da disciplina.....	68

Índice de figuras

Figura 1- resultado do Quiz sobre as personagens do conto	23
Figura 2- Atividade de produção de uma notícia	25
Figura 3- Exemplo de uma notícia produzida pelos alunos	25
Figura 4- Resultados da produção da quadra	27
Figura 5- Resultado da atividade oral no Mentimeter	29
Figura 6 - Sequência de imagens	30
Figura 7- Atividade de Sequências Textuais inserida no Manual <i>Sentidos</i>	31
Figura 8- Atividade da aplicação Milage Aprender+	33
Figura 9- Avaliações pelos alunos das aulas lecionadas	35
Figura 10- Resultado da votação nos poetas contemporâneos	38
Figura 11- Notas dos testes dos alunos	39

Para a minha família, com especial dedicação à memória do meu irmão, Frederico Peixoto,
que me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos e a enfrentar tudo em busca do meu sonho...

Introdução

A aula de Português tem sido alvo de diversas tentativas de definição.

Segundo Fonseca e Fonseca (1977), “A aula de Português é sempre aula de língua, de linguagem, de comunicação.” Partindo desta caracterização triplíce, Duarte (2001) defende que o estudo da língua “em todas as suas manifestações e vertentes” passa pela leitura e trabalho com textos literários pois “Há toda a vantagem didática em cruzar ensino da língua com ensino da literatura e ficarão definitivamente mais pobres aqueles a quem o contacto com o literário for negado pela escola” (Duarte, 2001).

Nos últimos tempos, parece existir um desinteresse generalizado pela leitura, pelo que a questão que impera neste momento é “Por que motivo os alunos não gostam de ler?”. Se analisarmos o desenvolvimento dos alunos ao longo do seu percurso escolar, entendemos que o primeiro entrave está relacionado com a dificuldade em decifrar as próprias palavras, tornando esta atividade penosa e aborrecida e, como diz Sousa (1998, p.56), “sem prazer ninguém é leitor voluntário.”

Outro motivo relacionado com a falta de envolvimento dos alunos com a leitura está ligado à imposição das leituras normalizadas, em que o texto serve, somente, de instrumento para a resolução de um questionário e o aluno não tem oportunidade de criar uma verdadeira afetividade com o texto, sendo apenas um recetor dos conhecimentos e a leitura para deleite e desenvolvimento pessoal não tem condições para ser realizada. (Sousa, 1998, p. 121)

A leitura, enquanto competência nuclear das *Aprendizagens Essenciais*, constitui-se como um domínio fundamental na disciplina de Português. Encarada em simultâneo como meio e como objetivo de ensino-aprendizagem, a leitura reveste-se de fulcral importância no contexto de sala de aula. Adquire uma importância vital como estratégia de melhoria do processo de Ensino/Aprendizagem, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento, nas crianças e jovens, de capacidades de análise crítica e de síntese.

No entanto, não nos podemos esquecer que cada indivíduo é único, logo a forma como aprende, também o é. Na sala de aula, com seres humanos singulares, com contextos de vida e expectativas diferentes, temos consciência de que o professor não tem condições, por várias razões, entre elas a extensão dos programas de cada disciplina, de atender às especificidades de cada aluno. O professor procura diversificar estratégias e métodos para que todos possam, pelo menos, atingir as *Aprendizagens Essenciais*. Se tal facto se verifica na generalidade das disciplinas, no caso da disciplina de Português, consideramos que o esforço deverá ser muito maior, pois esta como língua materna é que lhes fornece as bases para a compreensão e interpretação dos conteúdos das outras disciplinas.

Neste sentido, cabe ao professor rejeitar a ideia de leitura impositiva com a qual o aprendiz vê a sua criatividade limitada e, pelo contrário criar momentos que possibilitem “os pequenos gestos da loucura mansa que a leitura implica” (Coelho, 2019, p. 23).

Não obstante a tudo o que acabámos de dizer, é importante referir que, naturalmente, a intervenção de estágio não se limitou apenas aos domínios da Leitura e da Educação Literária, mas que, a partir dessas duas dimensões, foram também trabalhadas a Escrita e Oralidade, bem como questões relacionadas com o Funcionamento da Língua.

Capítulo I

Identificação e contextualização do Estágio Profissional

No I capítulo contextualiza-se o Estágio Profissional. Para além de uma breve caracterização da turma, faz-se uma descrição da planificação anual da disciplina e dos conteúdos das aulas lecionadas.

Estágio Profissional

O estágio pedagógico é o elo que une toda a preparação de base adquirida ao longo do percurso académico com a prática docente. Neste sentido, considero um momento propício à realização de vivências práticas.

De acordo com Carreiro da Costa (1996), o estágio profissional representa uma grande oportunidade empírica para experimentar o conhecimento teórico e com isto potenciar o desenvolvimento de competências e comportamentos que constituem a especificidade de ser professor.

O primeiro capítulo deste relatório encontra-se dividido em diversas secções. Na primeira secção, é descrito o processo de Prática de Ensino Supervisionado. Na segunda secção, temos a descrição do meio envolvente; na terceira é descrito as características da turma; na quarta está apresentado um cronograma das aulas lecionadas e, por último, a quinta secção em que é descrita a planificação anual da disciplina na turma lecionada.

1. Prática de Ensino Supervisionado

Este relatório de estágio procura mostrar situações significativas ocorridas em contexto de estágio, na área do Português.

A Prática Pedagógica Supervisionada é constituída por 2 etapas. A etapa inicial tem como objetivo a observação de contextos diversificados, onde o futuro professor pode experienciar diferentes métodos de ensino e visa a preparação para a fase seguinte.

Assim, desde outubro, assisti às aulas de uma turma do 12º ano. Procurei observar os alunos, o seu comportamento, as suas participações e, sobretudo, a integrar-me num ambiente ainda novo para mim, dado que nunca tinha lecionado antes.

Procurei também observar a ação da professora cooperante no desenvolvimento de diversas estratégias, o que constituiu uma boa aprendizagem para mim enquanto futura professora. Como não tinha qualquer experiência na área do ensino, considerei essencial assistir a um número máximo de aulas, antes de começar a prática letiva, tendo mantido este ritmo durante o ano letivo.

Após a fase de observação, de forma gradual, entramos na fase da experimentação,

leccionando as primeiras aulas, para “experimentar o que é ser professor” para posteriormente se avançar para a prática pedagógica propriamente dita, que nos ajudou a aprofundar as aprendizagens e a conhecer metodologias e estratégias diversificadas que possamos pôr em prática.

Considero que esta iniciação à prática profissional é fundamental para a construção da identidade de um bom profissional, pois permite-nos, como futuros professores, uma aplicação dos conhecimentos anteriormente adquiridos e nos dá uma maior capacidade de adaptação na prática. A prática pedagógica ajudou-nos muito no que toca à formação pessoal e profissional, onde observamos, aprendemos e pusemos em prática diversas estratégias.

É de realçar que o papel da supervisora foi essencial ao longo do estágio, pois orientou-me e aconselhou-me para que o desenvolvimento tanto a nível pessoal como profissional decorresse da melhor forma.

Assim, é importante referir que, como futura professora, tenho a consciência de que haverá sempre algo a melhorar.

2. Descrição da turma

A prática pedagógica supervisionada, realizada no âmbito do estágio curricular, realizou-se numa escola secundária da cidade de Braga. O nível de escolaridade em que se interveio foi o 12º ano. Na primeira instância da ação, desenvolvemos práticas de observação, o que nos permitiu conhecer aspetos relacionados com o empenho, o interesse e o comportamento dos alunos.

De acordo com a informação disponibilizada pelo Agrupamento de Escolas em que foi realizada a prática pedagógica, a turma, que me foi atribuída, era composta por dezassete alunos, doze do sexo feminino e os cinco restantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os dezassete e os dezoito anos. É de realçar que a turma contava apenas com um aluno repetente.

No correr das aulas assistidas, foi possível inferir que esta turma apresenta algum desinteresse pela disciplina. Destaco que a crise pandémica e a consequente implementação das aulas à distância, ao longo destes dois anos de pandemia, condicionou o desenfiamento do trabalho da turma. No entanto, a turma mostrou-se interessada e participativa nas atividades que lhe foram propostas.

Relativamente a dificuldades de aprendizagem, pelo que me foi possível observar é uma turma que não apresenta grandes dificuldades, no entanto, é pouco participativa. De uma forma geral, tratou-se de um grupo relativamente calmo e todos os alunos revelaram uma boa capacidade de aprendizagem.

Tendo em conta que o projeto aprovado foi aplicado a uma turma do 12º ano e tendo presente as *Aprendizagens Essenciais* de Português no Ensino Secundário, tivemos de considerar o nível de desenvolvimento destes alunos para potencializar as suas capacidades.

3. Cronograma das aulas

No que respeita à definição do cronograma, seguindo a calendarização e a programação dos conteúdos feitas ao nível da escola, a mesma foi feita com a professora titular da turma, a orientadora de estágio, desde o início.

A orientadora da escola, manifestou disponibilidade para ajudar na seleção criteriosa de recursos e no esclarecimento de dúvidas, com o intuito de tomar consciência do trabalho docente num contexto específico de ensino bem como para orientar no sistema de ensino.

Assim, após a seleção dos conteúdos a lecionar, foi possível a realização de duas aulas no 1º período, para ambientação à turma, acerca da poesia de um dos heterónimos de Fernando Pessoa: Ricardo Reis. Em fevereiro, foram lecionadas três aulas, duas de 135 minutos e uma de 90 minutos, sobre o conto *Sempre é uma companhia* da autoria de Manuel da Fonseca; em março, quatro aulas, uma de 135 minutos e três de 90 minutos, sobre os poetas contemporâneos: Eugénio de Andrade e Manuel Alegre.

Deste modo, fica aqui registo um cronograma das aulas lecionadas e os seus respetivos conteúdos:

Dias	Horários	Conteúdos
16-02-2022 Quarta-Feira	13:15-15:30 135 minutos	Conto <i>Sempre é uma companhia</i>
17-02-2022 Quinta-Feira	17:20-18:50 90 minutos	Conto <i>Sempre é uma companhia</i>
23-02-2022 Quarta-Feira	13:15-15:30 135 minutos	Conto <i>Sempre é uma companhia</i>
16-03-2022 Quarta-Feira	13:15-15:30 135 minutos	Poetas Contemporâneos:Eugénio de Andrade
17-03-2022 Quinta-Feira	17:20-18:50 90 minutos	Poetas Contemporâneos:Eugénio de Andrade
24-03-2022 Quinta-Feira	17:20-18:50 90 minutos	Poetas Contemporâneos:Manuel Alegre
30-03-2022 Quinta-Feira	17:20-18:50 90 minutos	Poetas Contemporâneos:Manuel Alegre

4. Planificação Anual de atividades

Segundo António Rosado (1999), a Planificação Anual representa um conjunto de intencionalidades com propósitos organizativos, definição de estratégias e objetivos, e avaliação do projeto perspetivado para uma turma específica.

Deste modo, segue-se os conteúdos programáticos lecionados por mim enquanto professora estagiária da planificação anual da disciplina no passado ano letivo:

	1º período	2º período
Educação Literária/Leitura	<u>Unidade 2</u> Fernando pessoa Heterónimo: Ricardo Reis	<u>Unidade 4</u> Conto <i>Sempre é uma companhia</i> <u>Unidade 5</u> Poetas contemporâneos: Eugénio de Andrade e Manuel Alegre
Gramática	Funções sintáticas Orações subordinadas e coordenadas	Organização de sequências textuais
Escrita	Texto de opinião	Escrita criativa
Oralidade	Debate e emissão de opinião	Debate e emissão de opinião

A planificação de cada aula é uma tarefa complexa, que envolve diversas dimensões, nomeadamente os objetivos, os conteúdos, as atividades, os materiais, as estratégias, a avaliação, bem como a elaboração de todo o guião da aula, com o objetivo de facilitar a construção coesa de uma aula.

Confesso que senti, nas primeiras vezes, alguma dificuldade na elaboração de um plano com todos estes pontos. Neste sentido, gastei muito tempo na preparação de cada material e cada atividade a ser produzida em contexto de sala de aula.

A Planificação Anual da disciplina encontra-se em anexo desde a página 68 à 70.

Capítulo II

Fundamentação Teórica

O capítulo II é constituído por uma fundamentação teórica. Contém diversas definições do domínio da Leitura; as funções da Leitura; a relação dos alunos e dos professores com a Leitura; a compreensão na Leitura; as estratégias de Leitura; a relação da Leitura com a Educação Literária e, por último a Leitura e a Educação Literária nos textos orientadores. Para além disso, contém os outros domínios do Português: a Oralidade, a Escrita e a Gramática.

1. Leitura

1.10 conceito de leitura

A leitura, não só no contexto escolar, deveria sempre ser valorizada com o objetivo de facultar capacidades de aquisição de vocabulário e de conhecimento de novas formas de olhar o mundo. A leitura é um abrir os horizontes a partir das palavras escritas.

Emília Amor é bastante clara quando afirma que: «Uma das funções básicas da escola é proporcionar aos aprendentes, mediante o convívio refletido com os textos, o desenvolvimento pleno quer das capacidades inerentes ao acto da leitura e da escrita quer dos hábitos e valores que as promovem e transformam em práticas culturais efetivas.» (Amor, 1995, p. 82) Corroborando esta ideia, Sabino (2008) afirma que a leitura é um alicerce da sociedade do conhecimento, uma vez que promove a libertação do pensamento e a prática da cidadania.

A leitura, de facto, oferece ao aluno uma diversidade de elementos, incluindo a própria transmissão da cultura na qual ele se insere e o acesso a padrões culturais diferentes dos da sua cultura.

Amor (1995) considera que as várias definições de leitura colocam em evidência três elementos fundamentais que a caracterizam enquanto processo, a saber: a dimensão semiótica, isto é, a correlação de um conteúdo com uma dada expressão; o efeito de apropriação transformadora e o de construção cultural da realidade.

A leitura é um processo, de certa forma, complexo, uma vez que envolve o que está a ser lido, o leitor e o contexto concreto em que acontece a leitura. Consideramos que fora do contexto escolar, quem lê o faz porque gosta e valoriza aquilo que a leitura lhe proporciona, mas dentro da sala de aula, a grande maioria dos alunos, que muitas vezes no seu ambiente familiar não têm o contacto com livros ou outros tipos de material impresso, sente-se obrigado a fazer aquilo a que não está habituado e que exige que preste atenção ao que é lido para que possa compreender o que lhe é proposto. Para muitos alunos, o momento da leitura em sala de aula é o único em que estão em contacto com excertos de textos literários e textos não literários.

Para Amor, no «contexto escolar a leitura admite ser considerada de duas formas distintas: a) enquanto atividade (mobilizada por professores e alunos em todas as disciplinas do currículo); b) enquanto objetivo de ensino aprendizagem.» (Amor, 1995, p. 92)

Contudo, a mesma autora reforça a ideia de que a leitura é transversal ao currículo, pois «constitui um instrumento básico e transversal ao currículo de construção do saber; acresce que, numa perspetiva de (auto)formação permanente, quanto mais estas capacidades se desenvolvem num

indivíduo, mais apetrechado ele estará para, de futuro, corresponder a solicitações variadas, de modo autónomo e bem-sucedido.» (Amor, 1995, p. 94)

Além disso, a leitura é um ato que, para além de linguístico e cognitivo, deve ser entendido como social e afetivo, sempre tendo em consideração o contexto em que o aluno se insere. Quando anteriormente afirmei que a leitura era uma forma de abrir horizontes queria caracterizá-la como sendo liberdade, evasão, vivências, ficção, o que a torna um meio de fuga ao ritmo limitador do dia a dia.

Neste contexto, ao professor de Português cabe a dura tarefa de incutir e desenvolver hábitos de leitura nos seus alunos, enfrentando dois desafios. O primeiro desafio é o desenvolvimento do gosto pela leitura e o segundo desafio é o desenvolvimento da competência da leitura. A frase seguinte é bem elucidativa destes aspetos: «Romper com rotinas estereis e desmotivadoras e repensar a prática da leitura em moldes formativos surgem, assim, como prioridades do professor de Português e condição essencial para a elaboração e concretização de um programa de promoção da leitura.» (Amor, 1995, p. 103)

1.2 Funções da leitura em contexto escolar

A leitura adquire uma importância vitalizadora como estratégia de melhoria do processo de Ensino/Aprendizagem, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento nas crianças e jovens de capacidades de análise crítica e de síntese.

«Ler é mais do que decifrar letras ou grupos de letras que formam palavras, ou grupos de palavras que formam frases. O conceito de leitura, como processo cognitivo pessoal, como acto criativo, pressupõe uma relação do sujeito com a cultura. Ler é dominar a linguagem, é ter uma mais completa compreensão do mundo.» (Ferraz, 2007, p.37)

Ferraz (2007) defende que um bom leitor é aquele que é capaz de atribuir sentido ao que se lê, conseqüentemente, só lendo muito se lerá melhor tanto textos literários como não literários.

Considero que ler é aprender o significado dos símbolos codificados, tentar descobrir o sentido que o escritor atribuiu à narrativa e comparar as próprias experiências com as que estão presentes no texto. Outra função de ler é, também, imaginar sem recorrer à imagem e representar uma dimensão de inclusão social.

Neste sentido, Ferraz afirma: «a aprendizagem da leitura depende das oportunidades que a escola cria para que os alunos [...] realizem experiências de leitura variada; treinem a leitura de modo

a tornar rápido o reconhecimento das palavras, não tropeçando nelas; desenvolvam a imaginação e o espírito crítico, tornando-se leitores autônomos.» (Ibidem)

A leitura não se torna fundamental somente pela construção de conhecimento que origina, mas, também, contribui para a o desenvolvimento biológico das crianças, especificamente, nas suas capacidades cognitivas e comportamentais.

Assim sendo, é essencial que, nas rotinas pedagógicas diárias, os professores concedam não só tempo, mas espaços dentro da sala de aula para a leitura e locais para a exposição de livros com acesso fácil. Considerando as funções da leitura, os professores, não só de Português, mas estes em especial, terão como objetivo incentivar os alunos a ler, criando atividades diversificadas, promovendo o encontro dos alunos com os livros. Um dos possíveis exemplos deste facto é o próprio professor partilhar o valor que atribui à leitura e lhes mostrar as obras literárias que lê bem como os seus escritores preferidos.

1.3A relação dos alunos e dos professores com a leitura

Na sala de aula, a tendência da maioria dos alunos é evitar a leitura em voz alta, pois a silenciosa até pode ser feita. No segundo caso, colocamos a dúvida se, efetivamente, estarão a ler, isto é, a decifrar e compreender o que está escrito ou a atribuir-lhe sentido.

Tendo em conta a ideia anterior, poderíamos questionar se todos os alunos do mesmo ano de escolaridade terão desenvolvidas as mesmas capacidades linguísticas. Sabemos de antemão que cada aluno é único e assim se torna claro que uns poderão estar mais à frente e outros mais atrás. As competências linguísticas que lhes permitem compreender o texto certamente não serão idênticas, pois encontram-se em estádios de desenvolvimento diferentes, devido a diversos fatores.

«Quando se fala de competências linguísticas, fala-se de conhecimento de vocabulário, de conjugação verbal, de domínio das estruturas gramaticais da língua, de processos de argumentação, das regras a observar quando se escreve um texto, de estratégias de leitura que permitem usar um texto informativo ou usufruir o prazer de ler, em todas as suas dimensões, um texto literário.» (Ferraz, 2007. p. 27)

Para além destes elementos, não nos podemos esquecer que o gosto e a motivação para a leitura advêm de diversos fatores, nomeadamente, a criança ou jovem ter tido contacto com livros desde cedo, ter ouvido ler histórias, ter brincado com as letras, ter inventado palavras a partir de um

conjunto de letras e ter sido estimulada pela própria família para o livro.

A relação que o aluno estabelece com a leitura depende de todos os fatores referidos anteriormente e tem de ser entendida como uma relação de interpretação. Colomer diz que: «ler é um acto interpretativo que consiste em saber guiar uma série de raciocínios até à construção de uma interpretação de mensagem escrita, a partir tanto de informação que o texto proporciona como dos conhecimentos do leitor. Simultaneamente, ler implica outra série de operações para controlar o processo dessa interpretação, de forma a poderem detetar-se as possíveis falhas de compreensão produzidas durante a leitura.» (Colomer, 2003, p.165)

Ao professor caberá a tarefa de orientar a interpretação dos textos em sala de aula, incentivando e explorando a riqueza das palavras. Deverá em conjunto com os alunos desconstruir o que está escrito de forma a conseguir, depois, levar à compreensão do que ali está.

Logo, não podemos, também segundo Colomer, «entender a leitura como uma aprendizagem limitada aos primeiros níveis de escolaridade e centrada, simplesmente, nas capacidades de descodificação. [...] E o processo de aprendizagem da leitura alarga-se a toda a escolaridade, e para além dela, se a entendermos como uma capacidade interpretativa.» (Colomer, 2003, p. 162)

Durante o processo da leitura, o professor conseguirá, se captar a atenção dos seus alunos, desenvolver as estruturas cognitivas, afetivas, de elaboração e de metacognição. A excelência da leitura seria que os alunos conseguissem ultrapassar a leitura orientada pelo professor e perante um texto fizessem uma leitura exploratória e autónoma.

1.4 A compreensão na Leitura

Tradicionalmente, os professores e os estudiosos da temática em análise entendiam a leitura como um conjunto de sub-habilidades a ensinar de forma sequenciada, isto é, por fases: primeiro, as letras, depois as sílabas e assim sucessivamente. Contudo, torna-se evidente que as diversas habilidades estão interligadas e se articulam para que o indivíduo consiga ler e compreender o que lê. Neste sentido, a leitura, atualmente, é entendida como um processo holístico. Assim sendo, o papel do leitor é fundamental na atribuição de sentido ao texto. Na sala de aula, o professor poder-se-á sentir incomodado pelo facto dos seus alunos serem capazes de fazer outra interpretação do texto, para além daquela que esta convencionada.

O leitor interpreta o texto integrando três elementos: o próprio leitor e as suas circunstâncias; o

texto, na medida que vê a intenção do autor e o contexto onde de incluem as dimensões psicológica, social e física.

Giasson (1993) propõe um modelo de ensino de compreensão na leitura. A proposta é o que chama de ensino explícito. «O seu uso é apropriado no ensino das estratégias como a de compreender a ideia principal de um texto, a de escrever resumos ou a de utilizar um esquema da narrativa...» (Giasson, 1993, p. 57) O modelo de ensino explícito permite ao professor trabalhar a compreensão na leitura. Ao professor cabe a tarefa de inculcar no aluno que este deve, quando lê, retirar a informação mais importante e identificar a ideia principal, sendo que após a identificação da ideia principal, deverá encontrar os argumentos que a sustentam.

Ao longo da obra, apresenta vários géneros textuais e a forma como estes potencia a leitura. Realçamos a narrativa, uma vez que é sempre muito valorizada em sala de aula. Normalmente, é solicitado aos alunos que façam o reconto da narrativa por palavras suas não só oralmente, como também escrito.

Independentemente do género textual, a leitura permite a aquisição de vocabulário novo, a utilização de vocabulário já adquirido em contextos diferente, o desenvolvimento das capacidades cognitivas e a descoberta de novas formas de ver e até ser.

1.5 Estratégias de Leitura

Rangel (2005), num artigo intitulado «Estratégias de leitura e género textuais na formação do leitor crítico» apresenta-nos o que entende que deveria ser uma leitura crítica e a forma como a Escola a pode desenvolver nos alunos.

Considera que quando se aborda a linguagem se deverá ter em atenção não só os elementos linguísticos, mas também os elementos cognitivos e sociais. Neste sentido, apresenta a perspectiva de Travaglia, destacando que a linguagem enquanto processo de interação, uma vez que esta permite um ensino produtivo da língua.

Para que se consiga desenvolver nos alunos a leitura crítica deve-se utilizar várias estratégias, através da abordagem de diferentes géneros textuais. Com a leitura, o indivíduo não só em contexto de sala de aula como fora dele trabalha com a memória e potencializa os diversos tipos de conhecimentos que já possui bem como os que a leitura lhe oferece.

A autora defende que a leitura sendo um ato comunicativo implica sempre que quer os

leitores, quer os escritores sejam contextualizados, o que faz transpor para a escrita e para a leitura os seus valores e crenças. Contudo, a mesma faz uma crítica à Escola, quando afirma: «A escola não consegue dar conta e satisfazer de forma coerente e adequada o processo de leitura crítica. Vários são os fatores que colaboram para esse facto (...). No entanto, o facto de vivermos em uma sociedade capitalista em que a desvalorização da leitura se deve por ela não acumular capital é um fator muito relevante.» (Rangel, 2005, p. 3)

Perante estes factos, cada vez mais o professor deve ser um facilitador no processo ensino-aprendizagem, favorecendo espaços em que a leitura seja o ponto central. Deverá preparar o aluno para que, quando lê, saiba distinguir o essencial do acessório, saiba porque lê e interpretar o que lê. O professor não deve impor a sua interpretação do que lê, mas sim dar espaço para que cada aluno crie a partir do que lê, transfigure e abra portas a novos mundos. Cada leitor coloca na sua interpretação do que lê as suas expectativas e a forma como vê e se relaciona com o mundo.

A autora faz a ligação entre a leitura e os diferentes géneros textuais, considerando que qualquer género pode ser utilizado para desenvolver a capacidade de uma leitura crítica. Os textos a trabalhar tanto podem ser de autores reconhecidos como simples notícias e até os textos elaborados pelos alunos. Assim, a abordagem de vários géneros textuais torna-se uma ferramenta para que o aluno consiga desenvolver a sua linguagem, contextualizando-a.

Assim, pretendo, futuramente, dotar os alunos de ferramentas para que eles possam ser autónomos no desenvolvimento da língua e, conseqüentemente, no pensamento.

2. Educação Literária

Urge também a necessidade de delinear uma definição no que concerne à questão da educação literária. Segundo Balça e Azevedo (2017), esta ideia de a encarar nos programas oficiais como “domínio autónomo e explícito (...) é relativamente recente”.

No entanto, facilmente se depreende que a educação literária surge imbricada na leitura e estabelece com ela uma relação de interdependência. De facto, “a promoção de uma educação literária visa sempre a formação de leitores e de leitores literários.” (Balça & Azevedo, 2017, p. 140) Neste contexto, a sala de aula figura como espaço privilegiado para esta formação por permitir o contato com o texto literário.

Porém, “os docentes apresentam por vezes concepções pouco congruentes com o fomento de práticas que estimulem uma educação literária” (ibidem, p.131). Importa então criarem-se métodos consolidantes que visem o ensino da literatura como agente promotor da educação literária. Deste modo, deve promover-se o pensamento crítico dos alunos enquanto fator indutor de crescimento intelectual porque, segundo Jacinto Prado Coelho, “«É a reflexão sobre a literatura que nos ensina»” (Coelho, 1976 apud Ceia, 1999, p.58).

Duarte (2001) defende que o estudo da língua nas suas diferentes dimensões passa pela leitura e pelo trabalho com textos literários, pois torna-se uma vantagem didática, quando se entrelaçam o ensino da língua com ensino da literatura. A autora (2001) reforça a ideia, quando afirma que os indivíduos a quem a escola não ofereceu o contacto com o texto literário ficam empobrecidos.

A inserção da literatura como fator de enriquecimento é, também, perfilhada por Ferraz quando nos diz que, «... no ensino da língua, os alunos devem ser orientados no percurso da aprendizagem para que façam leituras que os conduzam à sensação de realização.» (Ferraz, 2007, p. 38)

Assim, a literatura, detentora de uma vasta pluralidade temática, surge aqui, através da leitura e da educação literária, como um trunfo a ser explorado para ampliar novas áreas do conhecimento dos alunos e abrir pontes para o mundo.

2.1 A leitura e a Educação Literária nos textos orientadores

É interessante referenciar a definição de “reading to learn” (ler para aprender) durante o período do 7.º ao 12.º ano retirada dos estudos de Lee e Spratley (2010) e veiculada no Programa e Metas Curriculares de Português. Neste fala-se também da importância de uma variação nos textos propostos ao longo do 3º ciclo que permitem que os alunos “revisitem os de maior importância para a sua preparação escolar, (...) possam consolidar o seu conhecimento (...) e assim se aperceberem da riqueza da língua.” Veicula-se também a importância da variação nas “formas de leitura e compreensão diferenciadas” e nos diferentes procedimentos, gramaticais, inferenciais e intratextuais, da construção dos sentidos do texto”.

No domínio da Educação Literária tem-se como objetivo principal “capacitar os alunos para a leitura, a compreensão e a fruição de textos literários” através do “domínio de vocabulário próprio”. É-

nos dito que “o Programa pugna por uma visão integrada do texto literário” em vez de “por uma visão estreita de especialização, considerada impropriedade na faixa escolar dos alunos a que se dirige”. (Buescu, Morais, Rocha.& Magalhães, 2015, p.27). Balça e Azevedo (2017) dizem-nos que “Em síntese, o documento programático PMCP (2015) apresenta, de um modo geral, categorias, objetivos e metas que permitem o fomento de uma educação literária na escola.” (Balça & Azevedo, 2017, p.142)

3. Escrita

Ferraz (2007) afirma que a escrita consiste num processo complexo de aprendizagem. De facto, é um processo em que se aprende a substituir o oral pela escrita e ainda se aprende estratégias para escrever textos de diversas naturezas.

Carvalho (2001) refere que:

«No bloco referente à escrita para a apropriação de técnicas e modelos, os conteúdos referem a preparação, a construção e a apresentação do texto. No âmbito da preparação do texto, consideram-se aspetos como a exploração do tema, a intencionalidade comunicativa, a adequação comunicativa e a organização de ideias.» (Carvalho, 2001, p. 84)

A valorização da escrita é muito importante e de acordo com as palavras de Carvalho (2001) é necessário o aluno ter a noção de como se escreve um texto, porém pensamos que não é uma mais valia limitar o número de palavras nem impor itens. Consideramos que devemos dar apenas o limite mínimo de palavras e deixar a criatividade fluir.

Destacam-se conhecimentos sobre as dimensões processuais da escrita aprendidas ao longo do processo de formação com base em autoras como Santos (1994), que mostra um modelo de estratégia do ensino de Português baseado na didática da escrita. Amor (2013), levanta os mesmos quesitos sobre as práticas neste mesmo domínio. Serão, também, articuladas visões sobre a escrita, sobre a sua prática e o seu ensinamento com base na obra *O Ensino da Escrita: da teoria à prática pedagógica* (Carvalho, 1999). De facto, cada vez, existem mais incentivos à prática da escrita, sendo que o PNL 2027, por exemplo, propõe a promoção de projetos de escrita que abordem novas técnicas e estratégias de abordagem à escrita, como referem Santos & Peixoto (2020). De acordo com Antunes & Silva (2016), as mudanças de paradigma e o avanço das novas tecnologias da informação e da

comunicação (associadas à literacia digital) também se mostram cada vez mais interligadas com o contexto escolar e, desta forma, importa utilizar estas transições que contribuem significativamente para o sucesso escolares dos alunos.

4. Oralidade

A Oralidade é um domínio fulcral no desenvolvimento do aluno, pois lhe permite expressar aquilo que sabe ou sente sobre o que o rodeia.

O domínio da Oralidade passa pela capacidade que o aluno tem de articular o seu discurso, tendo ou não algum texto escrito como suporte ou ponto de partida. Este domínio implica que o aluno consiga organizar o seu pensamento e expor de forma clara e sequencializada as suas ideias sobre determinado assunto ou tema.

De acordo com Ferraz (2007), a oralidade tem sido o domínio mais pobre do ensino da língua. No entanto, os programas de Língua Materna alertam para a necessidade de realizar atividades que tornem os alunos melhores ouvintes e, conseqüentemente, melhores falantes. De facto, a capacidade de comunicar adquire-se, porque primeiro se ouve e se escuta.

Deste modo, Machado (2016) citando Cros e Santasusana (2003) considera que a oralidade tem na sua base três momentos essenciais a saber, a preparação, a produção e a avaliação. Daí, também, considerarmos que a oralidade está a par da escrita e vice-versa.

É de realçar e corroborando Ferraz (2007) que qualquer atividade do domínio da oralidade exige tempo de preparação, de execução e, por último, de reflexão sobre os resultados obtidos.

5. Gramática

Ferraz (2007) admite que o Conhecimento Explícito da Língua consiste num meio ao serviço da aquisição e desenvolvimento da competência de comunicação. No entanto, a aquisição do Conhecimento Explícito da Língua é vista como um fim em si mesmo pelo desenvolvimento das potencialidades cognitivas que desencadeia.

De acordo com Ferraz (2007), a gramática é uma ciência com o seu objeto próprio, ou seja, serve-se de uma linguagem específica que permite chamar nomes às coisas e que permite formular regras que, por observação sistemática, os alunos vão construindo.

Capítulo III

Intervenção Pedagógica

O capítulo III descreve o processo de intervenção pedagógica bem como os diversos materiais didáticos usados na sua implementação numa turma do 12º ano em âmbito de estágio.

Intervenção Pedagógica

Para uma melhor recolha de dados sobre a aprendizagem dos alunos, foram realizados várias iniciativas e diversos trabalhos, aqui apresentados e detalhados. Saliento que todos os documentos mencionados nos pontos seguintes podem ser considerados instrumentos de avaliação.

Assim sendo, todas as realizações das atividades didáticas criadas e trabalhadas pelos alunos foram recolhidas de forma a ser possível avaliar a pertinência delas, assim como o desempenho dos alunos aquando da prática de todas as competências em sala de aula em conjunto com o meu desempenho enquanto futura professora.

Considerando o anteriormente exposto, passaremos a uma análise das atividades por domínios: Leitura/Educação Literária, Escrita, Oralidade e Gramática.

1. Leitura/Educação Literária

Para o domínio da Leitura e Educação Literária apresentamos aqui duas atividades e escolhemo-las uma vez que são atividades que envolvem a tecnologia.

Atividade 1- Classificação de afirmações

A terceira aula consistiu no estudo do conto *Sempre é uma companhia* da autoria de Manuel da Fonseca. O conto encontra-se em anexo desde a página 45 até à 51.

Após apresentar as características do conto, terminamos a aula com uma atividade. O PowerPoint apresentado com as características do conto encontra-se na página 52 dos anexos.

O último momento da 3ª aula sobre o conto *Sempre é uma companhia* consistiu em classificar como verdadeiras ou falsas um conjunto de quinze afirmações, sendo que para cada afirmação, apresentar citações do conto que justificassem a opção feita.

O material desta atividade exigia, num primeiro momento, a leitura do conto, fora da sala de aula, com o intuito de permitir aos alunos a organização das suas ideias. Num segundo momento, a leitura das afirmações e, num terceiro e último momento a classificação delas e a sua justificação através de citações.

O exercício foi feito no Google forms e quando o terminaram, passámos à sua correção.

Uma vez que os alunos não tinham lido o conto na íntegra, através deste exercício, fizeram-no,

de uma forma rápida, exigindo alguma atenção e, conseqüentemente, o mínimo de conhecimento do conteúdo.

Destaco que este exercício foi considerado pelos alunos o momento mais dinâmico, tendo em conta que os mesmos estavam habituados a lidar com a tecnologia e com este tipo de questionário em contexto de sala de aula.

Assim, este exercício foi realizado no final da aula precisamente por um motivo: pelo facto de ser final da tarde, normalmente o momento do dia em que os alunos “se desligam” da aula, usando-se como estratégia a utilização da tecnologia para os chamar a atenção.

O questionário realizado pode ser consultado em anexo na página 53.

Atividade 2- Quiz acerca das personagens

A atividade dois resultou na apresentação das personagens do conto.

A quarta aula consistiu na continuação da análise do conto *Sempre é uma companhia*. O terceiro momento da quarta aula do estágio resultou na realização de um quiz acerca das características físicas e psicológicas das personagens do conto.

O material desta atividade abrangia, num primeiro momento, a leitura do conto com o objetivo de permitir aos discentes organizar as suas ideias, num segundo momento, terem a ideia geral das personagens e, posteriormente, identificar as suas características.

Admito que esta atividade foi pensada para captar a atenção dos alunos, uma vez que a aula foi no final do dia, por volta das 17:20h até às 18:50h, hora em que os alunos, normalmente, mostram cansaço, falta de atenção e desinteresse pelos conteúdos. O quiz foi considerado pelos alunos o momento mais dinâmico da aula.

Apesar dos alunos não terem lido o conto como foi proposto inicialmente, não mostraram grande dificuldade na realização do quiz, revelando, assim, entusiasmo por ser uma atividade que envolvia o uso dos telemóveis.

Podemos encontrar o quiz realizado em anexo na página 54.

Deste modo, aqui ficam registados os resultados, para uma melhor visualização comparativa

do sucesso ou insucesso de cada questão. Esta ferramenta permitiu recolher dados mais esclarecedores.

Nomes dos		Pontuação	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9
			94%	94%	100%	100%	94%	100%	100%	100%	100%
I	1	9570 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	2	6640 (0%)	✗	✗	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	3	9250 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	4	9380 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	5	8370 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	6	8720 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	7	8510 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	8	8450 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	9	9510 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
I	10	7530 (0%)	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✓	✓	✓
	11	8480 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	12	8980 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	13	8420 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	14	9400 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	15	9370 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	16	9120 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	17	9290 (0%)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Figura 1- resultado do Quiz sobre as personagens do conto

Comentários da atividade:

Na primeira pergunta onde se pretendia saber quem era a personagem de estatura baixa, todos os alunos conseguiram-na acertar, exceto o aluno 2. Este colocou a personagem Rata como sendo a personagem de estatura baixa, errando-a. Na verdade, a resposta certa seria a personagem Batola.

É de destacar que o mesmo aconteceu com a segunda questão, todos acertaram-na, exceto o aluno 2. O aluno em questão, considerou Batola como a personagem “muito alta”, “rosto ossudo” e olhos negros. A resposta correta seria a Mulher de Batola.

Por último, o aluno 10 errou a questão 5, respondendo que Rata usava a indumentária própria do homem alentejano: chapeirão e lenço amarrado ao pescoço. Batola era a personagem que utilizava a indumentária própria do homem alentejano.

Salienta-se que os alunos conseguiram responder ao quiz antes do tempo previsto, revelando facilidade na resolução do mesmo, sendo a internet um meio que os desperta na sala de aula, apesar de termos consciência que a utilização das novas tecnologias em contexto de sala de aula, algumas

vezes, ser motivo para a distração com a consulta de outro tipo de informação ou jogos, que não o que lhes é proposto. Daí, a necessidade constante de lhes chamar a atenção e verificar se estão a, efetivamente, realizar as tarefas sugeridas.

2. Escrita

A propósito da escrita desenvolvemos duas atividades. A primeira consistiu na produção de uma notícia, enquanto a outra resultou na produção de uma quadra.

Atividade 1- Produção de uma notícia

A quinta aula continuou tendo por base o conto *Sempre é uma companhia*.

A atividade de escrita proposta na 5ª aula consistiu em produzir uma notícia acerca da relação violenta das personagens principais: Batola e a mulher do conto.

Em primeiro lugar, comecei por apresentar um PowerPoint com as características do género textual, a notícia, com o objetivo de lembrar-lhes este género textual. Referi que a notícia é um género textual, caracterizado por ser um texto jornalístico, em que o seu principal objetivo é transmitir uma informação. Seguidamente, expliquei a constituição deste género textual: primeiro, o título; segundo, o lead; terceiro, o corpo da notícia e, conseqüentemente, as suas características a cumprir aquando da sua construção.

Após a apresentação do género textual, solicitei, em primeiro lugar, a produção de uma notícia. Em segundo lugar, que explicassem como é que distribuíram a informação no seu texto de modo a captar a atenção dos leitores tendo em conta a estrutura e estilo deste género de discurso.

O material desta atividade abrangia, num primeiro momento, a planificação com o propósito de permitir aos discentes organizar as suas ideias e, posteriormente, organizar a estrutura do texto. Num segundo momento, a redação/textualização, onde a construção do texto foi realizada conforme as ideias organizadas na planificação e, por fim, o momento de revisão e aperfeiçoamento do texto.

Esta atividade foi pensada com o intuito de estimular a criatividade dos alunos e trazer/trabalhar o género textual, a notícia, para a sala de aula. Os alunos mostraram-se à vontade para a realização da atividade, contudo não revelaram abertura e receptividade para as ler em voz alta, uma vez que todos mostraram ter uma ideia pré-concebida sobre o conteúdo.

Acredito que foi um momento dinâmico, que aumentou o interesse e o envolvimento dos alunos. No entanto, destaco que apesar de os alunos não evidenciarem dificuldade na escrita da

suposta notícia, eles apresentaram uma reportagem ao invés de uma notícia, o que me fez questionar sobre a necessidade de voltar a distinguir as características de cada um deles.

Assim, ficam aqui registados a atividade da produção da notícia bem como um exemplo produzido por um aluno.

Os restantes exemplares da produção da notícia podem ser consultados nos anexos nas páginas 55 e 56.

“SEMPRE É UMA COMPANHIA” **Manuel da Fonseca**

ATIVIDADE DE ESCRITA

1. Escrever uma notícia acerca da relação violenta entre Batola e a mulher.
2. Explicar como distribuiu a informação no seu texto de modo a captar a atenção dos leitores e tendo em conta a estrutura e estilo deste género do discurso.
3. Ler as notícias.

Figura 2- Atividade de produção de uma notícia

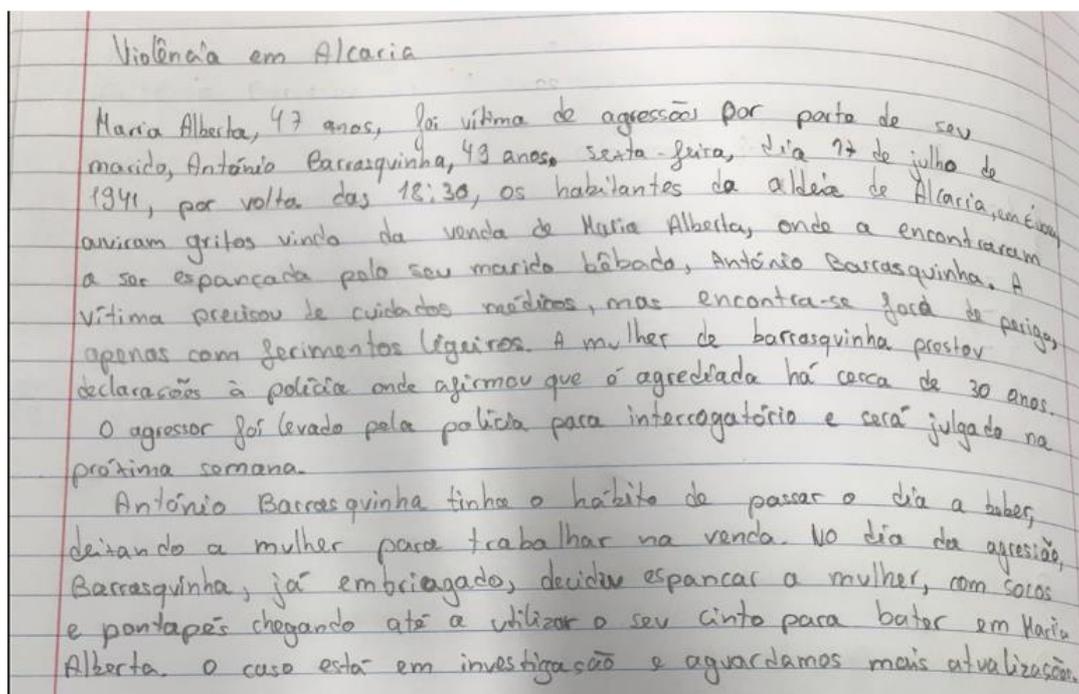


Figura 3- Exemplo de uma notícia produzida pelos alunos

Comentários da notícia (Exemplo da análise realizada):

A notícia produzida é intitulada como “Violência em Alcaria”.

O lead é constituído pelo primeiro parágrafo da notícia, respondendo às questões: Quem?; O quê?; Quando? e Onde?. Deste modo, logo no primeiro parágrafo conseguimos identificar a vítima, Maria Alberta de 47 anos, e o agressor, o seu marido António Barrasquinha de 49 anos. Seguidamente, é-nos dito a data, hora e local do acontecimento, “Sexta-feira, dia 17 de julho de 1941, por volta das 18:30, os habitantes da aldeia de Alcaria em Évora...”. Por último, à reposta O quê?, o aluno respondeu “ouviram gritos vindo da venda da Maria Alberta, onde a encontraram a ser espancada pelo seu marido bêbado”.

O último parágrafo consiste no resto do texto e responde às seguintes questões: Como? e Por que? O aluno referiu o motivo do acontecimento, utilizando a bebida como desculpa para o ato praticado pelo António Barrasquinha, “...tinha o hábito de passar o dia a beber...”. Neste sentido, referiu como o agressor agrediu a vítima, “com socos e pontapés, chegando até a utilizar o seu cinto para bater em Maria Alberta”.

Considero que o objetivo principal da atividade foi cumprido, porém, o aluno ao aprofundar a notícia com pormenores e ter feito uma descrição detalhada do acontecimento, fez com que apresentasse uma reportagem em vez da notícia.

Atividade 2- Escrita criativa: produção de uma quadra

A oitava aula consistiu na análise da vida e da obra do poeta contemporâneo Manuel Alegre.

O último momento da oitava aula sobre os poetas contemporâneos, traduziu-se na escrita criativa, ou seja, consistiu em produzir uma estrofe, máximo de quatro versos, em torno da liberdade, visto que era a temática a trabalhar durante toda a aula.

O material desta atividade abrangia, em primeiro lugar, a planificação com o propósito de permitir aos discentes organizar as suas ideias e, posteriormente, organizar a estrutura do texto. Num segundo momento, a redação/textualização onde a construção do texto foi realizada conforme as ideias organizadas na planificação e, por fim, o momento de revisão e aperfeiçoamento do texto, neste caso específico uma quadra.

Os alunos escreveram a sua quadra no Padlet. Posteriormente, solicitei voluntários para lê-las, porém, mais uma vez, não revelaram abertura e recetividade para as ler em voz alta.

Realço que esta atividade foi pensada com o intuito de estimular a criatividade dos alunos, na

medida em que os alunos não estavam habituados a escrever poesia, daí as suas grandes dificuldades e inseguranças. Apesar dos alunos terem evidenciado dificuldades no início da atividade, acredito que foi o momento exato para superarem as suas inseguranças. De facto, a vida é feita de obstáculos e trata-se de superá-los, essa é a chave para o sucesso.

Deste modo, aqui ficam registados os resultados das quadras propostas:

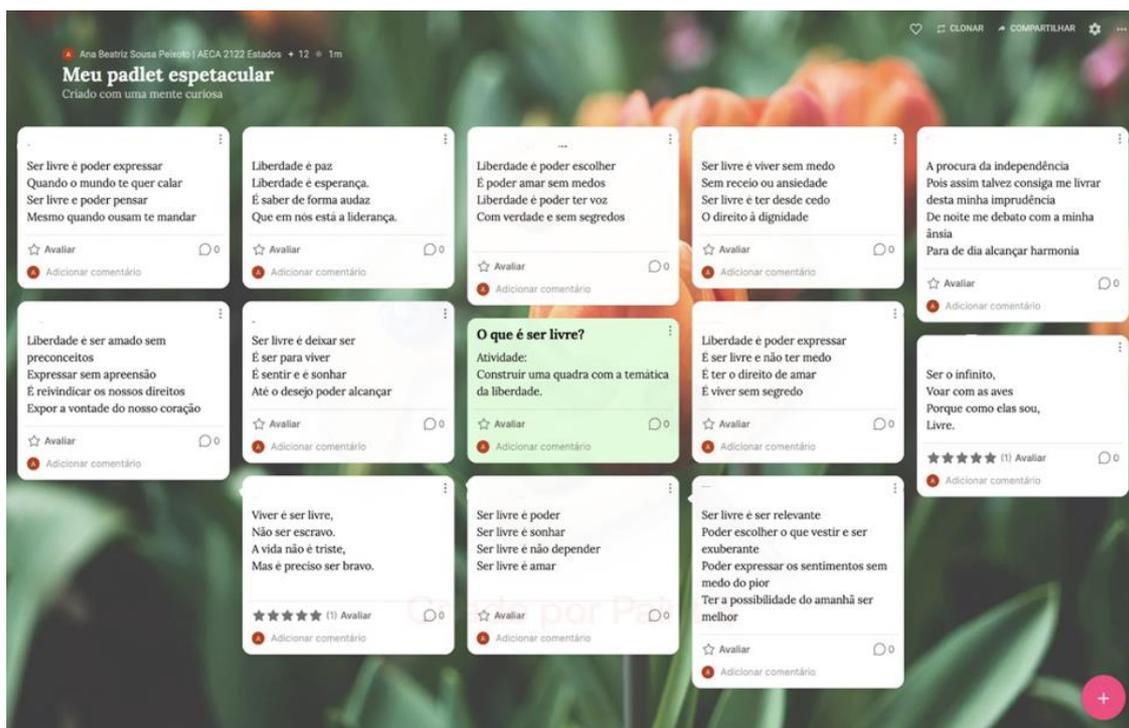


Figura 4- Resultados da produção da quadra

Comentários da quadra:

Apenas dozes alunos realizaram a atividade de produção de uma quadra com a temática da liberdade.

Destaco que a maioria dos alunos cumpriu um dos requisitos solicitados para a elaboração da quadra: a utilização da rima na sua produção, exceto o autor da quadra “Ser o infinito,/ Voar com as aves/ Porque como elas sou,/ Livre.”

Reflexão: Tenho consciência que a escrita criativa foi o momento mais fraco da aula. Os alunos acabaram por confessar que não gostam de escrever poesia. Não obstante, tendo em conta que

criatividade é uma capacidade que não se ensina nem se aprende, mas que se desenvolve com o conhecimento, sugeri que os alunos saíssem da sua zona de conforto, ou seja, deixando-se desafiar pelos novos recursos e estratégias didáticas no âmbito da escrita.

3. Oralidade

No domínio da oralidade desenvolveu-se duas atividades. A primeira consistiu em analisar uma imagem com a temática que viria a ser trabalhada posteriormente. A segunda teve o mesmo objetivo, tratou-se duma análise de uma sequência de imagens com as temáticas que iriam ser abordadas nos poemas.

Atividade 1- Análise de uma imagem

O segundo momento da sétima aula do conteúdo Poetas contemporâneos: Eugénio de Andrade, foi iniciado com uma atividade no Mentimeter.

Em primeiro lugar, a atividade solicitada consistia em definir a imagem em apenas uma palavra na aplicação Mentimeter. Em segundo lugar, foi proposto aos alunos a explicação da palavra escolhida por cada um. O conteúdo da imagem abordava os laços afetivos entre a mãe e o filho.

É de realçar que esta atividade se tornou num momento de debate, uma vez que solicitei que analisassem a imagem e explicassem o motivo da palavra escolhida, oralmente. Logo, esta atividade constituiu-se como ponto de partida para a atividade seguinte: análise do *Poema à mãe* da autoria de Eugénio de Andrade.

Confesso que esta atividade foi pensada com o intuito de estimular a criatividade dos alunos e, embora os alunos demonstrassem à vontade para a realização desta atividade, não revelaram abertura para partilharem os motivos das suas escolhas. Neste sentido, podia apenas ter pedido que definissem a imagem em apenas uma palavra, no entanto, solicitei a explicação dela oralmente, sugerindo, assim, que os alunos saíssem da sua zona de conforto.

A seguir, temos a atividade realizada e, deste modo, aqui ficam registados os resultados das palavras escolhidas:



Figura 5- Resultado da atividade oral no Mentimeter

Comentários da atividade:

Destaco que houve dezasseis respostas, porém, constatou-se repetições de palavras, como era de se esperar. As palavras escolhidas pelos alunos foram as seguintes: experiência, refúgio, abrigo, luz, mãe, proteção, paz, afeição, ternura, recomeço e união.

Atividade 2- Análise de uma sequência de imagens

A oitava aula realizou-se com a unidade didática: Os Poetas Contemporâneos, nomeadamente Manuel Alegre.

Após a apresentação do autor a ser estudado na aula, Manuel Alegre, o segundo momento da 8ª aula dos poetas contemporâneos: Manuel Alegre foi iniciado com a visualização de uma sequência de imagens aleatórias com as temáticas dos poemas que iriam ser analisados durante a aula: “Letra para um hino” e “Abaixo el-rei Sebastião” da autoria do autor em questão.

Comecei por apresentar uma sequência de imagens aleatórias em que os alunos tinham de indicar a temática presente em cada imagem. Num primeiro momento, a atividade proposta abrangia a visualização atenta das imagens e, posteriormente, a indicação da temática apresentada nelas.

Deste modo, a sequência de imagens apresentada abordava temáticas como a liberdade, a mudança, a revolta e a paz. Temáticas, estas, que o autor Manuel Alegre defendia.

Neste sentido, a atividade proposta desencadeou um momento de discussão dado que solicitei

que analisassem as diversas imagens, oralmente, com o intuito de ponto de partida para a atividade seguinte: análise dos poemas que referi anteriormente.

Destaco que, embora esta turma fosse uma turma reservada e pouco participativa, os alunos conseguiram desvendar as temáticas presentes em cada imagem analisada.

Apresentam-se a sequência de imagens:

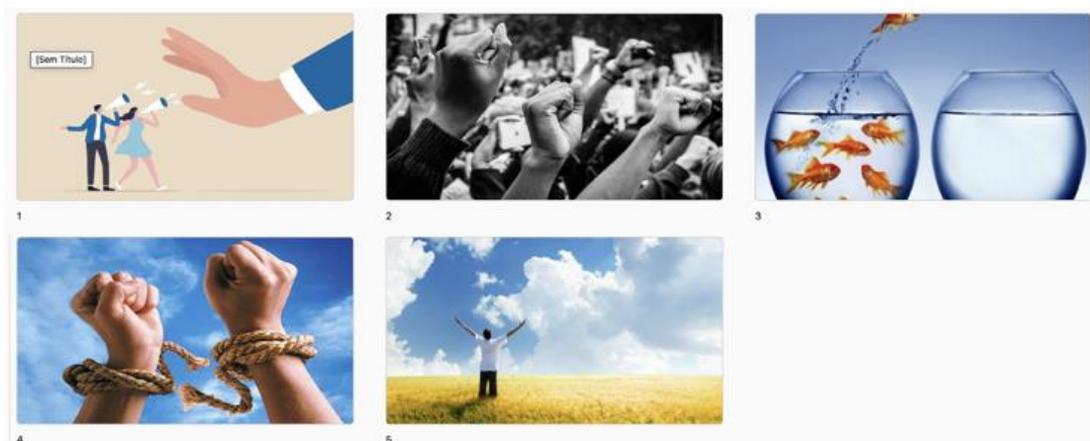


Figura 6 - Sequência de imagens

4. Gramática

No domínio da gramática escolhemos duas atividades. A primeira consistiu em indicar o tipo de sequências textuais em cada citação do conto *Sempre é um companhia*. A segunda atividade fez parte da formação realizada em conjunto com a orientadora da escola e com a colega do núcleo de estágio.

Atividade 1- Sequências Textuais

A quinta aula abordou as sequências textuais do conto a ser trabalhado na sala de aula, *Sempre é um companhia*.

Comecei o primeiro momento da quinta aula fazendo a ligação com a ideia de que o conto é um género narrativo, mas que pode conter outro tipo de sequências textuais: descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

Em primeiro lugar, comecei por apresentar um PowerPoint com os diferentes tipos de sequências textuais (o PowerPoint pode ser encontrado na página 57). Seguidamente à exposição dos

tipos de seqüências textuais, solicitei que realizassem a atividade da página 164 do manual, identificando os diferentes tipos em pequenas citações do conto *Sempre é uma companhia* da autoria de Manuel da Fonseca.

Neste sentido, os objetivos desta atividade consistiam, em primeiro lugar, em conhecer os diversos tipos de seqüências textuais e, posteriormente, a leitura das citações do conto. Num segundo momento, a identificação dos diversos tipos de seqüências textuais em cada citação do conto inseridas no manual.

Admito que esta atividade foi bem realizada pelos alunos e não revelaram ter qualquer tipo de dificuldade.

Aqui fica a atividade selecionada do manual:

Organização de seqüências textuais

APLICAR

1. Leia atentamente as seqüências textuais, pertencentes ao conto estudado.

[A] "ai umas quinze casinhas desgarradas e nuas; algumas só mostram o telhado escuro, de sumidas que estão no fundo dos córregos." (l. 75-77)

[B] "Ergue-se pesadamente do banco. Olha uma última vez para a noite derramada. Leva as mãos à cara, esfrega-a, amachucando o nariz, os olhos." (l. 91-92)

[C] "- Bem, a senhora não se exalte. Faz-se uma coisa: a telefonia fica à experiência, durante um mês. Se não quiserem, devolvem-na; nós devolvemos as letras. Assine aqui, Sr. Barrasquinho. Pronto. Agora já a senhora pode ficar descansada.
- Mas - pergunta ainda a mulher - quanto se paga de aluguer por esse mês?
- Nada! - responde o homem, de novo risonho. - Por isso não se paga nada!" (l. 176-183)

[D] "E o silêncio. Um silêncio que caiu, estirado por vales e cabeços, e que dorme profundamente." (l. 79-80)

[E] "- Olhe, aqui, é Londres; aqui, a Alemanha; aqui, a América. É simples: vai-se rodando este botãozinho..." (l. 141-142)

[F] "E, ao meter os papéis dentro da pasta, repara que já é muito tarde. Apressado, conta que veio por ali devido a um engano no caminho. Sai da venda, entra no carro, e diz ao Batolá, aproveitando o ruído do motor." (l. 184-186)

[G] "Nos intervalos, os homens bebiam um copo, junto ao balcão, os pares namoravam-se, pelos cantos." (l. 205-206)

[H] "- Dou-lhe a minha palavra de honra que não encontra nenhum aparelho pelo preço deste!" (l. 144-145)

1.1 Preencha no seu caderno uma tabela semelhante a esta, seguindo as orientações.

Exemplo	Tipologia dominante	Marcas específicas (duas)
[A]	_____	_____
[B]	_____	_____
[C]	_____	_____
[D]	_____	_____
[E]	_____	_____
[F]	_____	_____
[G]	_____	_____
[H]	_____	_____

164

Figura 7- Atividade de Seqüências Textuais inserida no Manual *Sentidos*

Reflexão: De facto, podia ter explorado esta atividade de outra forma, tal como o supervisor de estágio o referiu, especificamente, fazer uma análise do conto tendo em conta as sequências textuais.

Atividade 2- Exercícios na aplicação Milage+Aprender

No passado mês de novembro de 2021, eu e a minha colega de estágio, iniciamos, em conjunto com a orientadora de estágio, a formação MILAGE APRENDER+. Esta formação teve a duração de 4 meses e o intuito era construir fichas para serem colocadas na plataforma, bem como em prática durante a sala de aula com os alunos.

A plataforma Milage é uma plataforma que contém diversas potencialidades, nomeadamente por ser uma plataforma simples, motivadora e ainda promove a autonomia dos alunos. Deste modo, esta plataforma é inovadora uma vez que os alunos utilizam a tecnologia na realização de trabalhos. Isto permite ainda, que o aluno tenha uma maior autonomia, responsabilidade na formação do seu autoconhecimento e permite a sua autoavaliação e a heteroavaliação das atividades.

A atividade, realizada por mim, foi composta por 3 fichas: classificar as orações subordinadas e coordenadas sublinhadas, identificar o erro da frase e por último identificar as funções sintáticas. A atividade consistiu em: dar a conhecer o projeto Milage aos alunos de uma turma de 12.º ano; realizar atividades e, por último, a consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.

Através da atividade proposta, os alunos, conseguem recuperar os conteúdos programáticos lecionados nos anos anteriores. É de realçar que este aspeto é muito positivo, uma vez que o aluno pode evocar conteúdos que à partida acredita-se que já estejam adquiridos e foi uma forma de os consolidar. Neste sentido, os alunos desenvolveram autonomia, espírito crítico e capacitação digital de uma forma intuitiva e simples.

Concluindo, é de destacar que com a aplicação do plano de aprendizagens na sala de aula senti autonomia na ótica dos alunos.

Neste sentido, segue-se a apresentação das atividades implementadas:

Lê atentamente as frases a seguir apresentadas e associa cada alínea a um número.

Frases	Orações
a) "De quando em quando, o Batola matava-lhe a fome; <u>mas nem trocavam uma palavra.</u> " (ll. 60-61)	1. Oração subordinada adverbial condicional
b) " <u>Quando consegue dominar-se,</u> entra na venda, arrastando os pés." (l. 97)	2. Oração subordinada adverbial consecutiva
c) "- António, <u>se isso aqui ficar</u> eu saio hoje mesmo de casa." (l. 172)	3. Oração subordinada adverbial consecutiva
d) "E os dias custaram tão pouco a passar <u>que o fim do mês caiu de surpresa em cima da aldeia da Alcaria.</u> " (ll. 222-223)	4. Oração subordinada adverbial temporal
e) "O mês passou de tal modo <u>veloz que se esqueceu de preparar a mulher.</u> " (ll. 232-233)	5. Oração subordinada adverbial condicional
f) "Olha... <u>Se tu quisesses,</u> a gente ficava com o aparelho." (l. 245)	6. Oração coordenada adversativa

MILAGE APRENDER+

Identifica o erro presente em cada frase, estabelecendo a correspondência entre as colunas.

Frases	Erros
1. Os amigos de Pedro compreende a sua situação.	A) A ordem sintática não é respeitada (Sujeito/ Verbo/ Complemento direto)
2. Tenho de abdicar este comportamento.	B) O verbo da frase só se conjuga na 3.ª pessoa do singular.
3. À Ana um livro comprou na livraria.	C) O pronome pessoal não foi posicionado corretamente na frase.
4. Ontem, vi no recreio.	D) O predicado não concorda com o sujeito.
5. Houveram provas desportivas na escola.	E) Falta o complemento direto exigido pelo verbo transitivo direto.
6. Se lesse-la saberia falar sobre a obra.	F) O verbo da frase é regido pela preposição "de"

MILAGE APRENDER+

Identifica a função sintática dos constituintes sublinhados nas frases.

1. "Tais momentos de ira são pedaços de revolta passiva contra a mulher."
2. "Um sopro de vida paira agora sobre a aldeia."
3. "E os dias custaram tão pouco a passar que o fim do mês caiu de surpresa em cima da aldeia da Alcaria."
4. "Dentro da venda, o Batola está tão desalentado."
5. Iremos a Nova Iorque logo que possa.
6. Nomearam-me presidente de um clube desportivo.
7. Somos sortudos por termos ótimos colegas.
8. Eles disseram-me que viriam mais tarde.
9. Estes textos foram elaborados pelos alunos do 10º C.
10. Carlos, já puseste bebidas no frigorífico?

Figura 8- Atividade da aplicação Milage Aprender+

Capítulo V

Metodologia de recolha de dados: Avaliações

Este capítulo é constituído por avaliações gerais dos alunos em relação ao meu desempenho enquanto professora estagiária. Para além disso, possui outro tipo de avaliações.

1. Avaliação dos alunos do desempenho da professora

Após lecionar um determinado número de aulas, achei pertinente saber a opinião dos alunos em relação ao meu desempenho, enquanto professora estagiária, numa tentativa de melhorar as próximas aulas.

Deste modo, pedi que escrevessem um aspeto negativo e outro positivo das aulas lecionadas. É de realçar que as opiniões escritas eram anónimas, portanto, creio que houve sinceridade por parte dos alunos. É importante referir que apenas coloquei algumas opiniões uma vez que eram todas em volta do mesmo. Mais informo que as restantes opiniões estão em anexo na página 64.

Go to www.menti.com and use the code 2588 1197

1 aspeto positivo e 1 aspeto negativo

Mentimeter

Eu gosto das aulas da professora Beatriz, gosto de como explica a matéria, da simpatia e da abertura que tem com os alunos. Acho que um aspeto negativo é quando a professora requer demasiada participação dos alunos.

Acho que as aulas são bastante dinâmicas e isso ajuda a cativar os alunos. Também acho que é benéfico o facto da professora incentivar a participação de todos, o que é um ponto fraco da turma. Não considero que haja aspetos negativos.

Figura 9- Avaliações pelos alunos das aulas lecionadas

2. Questionário acerca da prática de ensino

Após a lecionação de todas as aulas, solicitei aos alunos responder a um questionário acerca da minha prática de ensino.

O questionário consistiu em responder a 7 questões. Neste sentido, segue-se as perguntas realizadas:

1. Se pudesses alterar algum aspeto da dinâmica das aulas lecionadas, o que mudarias?
2. Sentes que aprendeste com as minhas aulas?
3. Descreve as aulas lecionadas em apenas 1 palavra.
4. Qual foi o conteúdo lecionado que achaste mais interessante? E porquê?
5. Qual foi o conteúdo lecionado que achaste menos interessante? E porquê?
6. De todas as atividades que foram feitas, qual foi a que gostaste mais?
7. De todas as atividades que foram feitas, qual foi a que sentiste mais dificuldade?
8. De uma forma geral, como avalias as minhas aulas de 1 a 5?

Deste modo, segue-se os resultados do respetivo questionário:

À pergunta 1, a maior parte dos alunos respondeu que não mudariam nada, porém houve alguns que se sentiram incomodados pelo facto de eu estar constantemente a insistir com eles para participarem nas minhas aulas.

Em relação à questão 2, todos os alunos responderam “sim”, o que me deixou um pouco tranquila em relação à forma como transmiti os conteúdos.

Quanto à 3ª pergunta, houve diversas palavras, escolhidas pelos alunos, que caracterizaram as minhas aulas, nomeadamente: inovadoras, dinâmicas, alegres, criativas, cativantes, diversidade, informativas, interessantes, boa, diferentes, simples.

À pergunta 4, constatamos uma diversidade nas respostas em relação ao conteúdo que mais acharam interessante. Uma parte dos alunos, afirmaram ter sido o conto *Sempre é uma companhia* e, a outra parte afirmou ter sido os poetas contemporâneos o conteúdo que acharam mais interessante estudar. No entanto, houve um ou outro aluno que respondeu o conteúdo gramatical e os heterónimos de Fernando Pessoa, nomeadamente o poeta Ricardo Reis.

À pergunta 5, nove dos alunos responderam a poesia sendo o conteúdo que menos acharam interessante estudar e apresentaram as suas justificações. Por outro lado, quatro alunos responderam

o conto *Sempre é uma companhia* e, apenas um aluno referiu o conteúdo gramatical.

Quanto à 6ª pergunta, encontramos uma atividade que se destacou: a atividade do Quiz (a caracterização das personagens do conto *Sempre é uma companhia*). No entanto, um aluno respondeu que a escrita dos versos (quadra com a temática da liberdade) tinha sido a atividade que mais gostou de realizar. Mais se destaca que um aluno respondeu as atividades gramaticais.

À questão número 7, a grande parte dos alunos respondeu a elaboração de poemas sendo a atividade que mais sentiram dificuldade em realizar, uma vez que é algo a que os alunos não estão habituados a realizar. Contudo, acharam-na interessante.

Por último e não menos importante, temos a 8ª questão em que oito dos alunos avaliaram como muito boas, sendo a classificação 5, as minhas aulas lecionadas, enquanto seis alunos avaliaram como boas, sendo a classificação 4. É de destacar que as classificações estavam ordenadas de 1 a 5 sendo:

- 1- Péssima;
- 2- Má;
- 3- Suficiente;
- 4- Boa;
- 5- Muito boa.

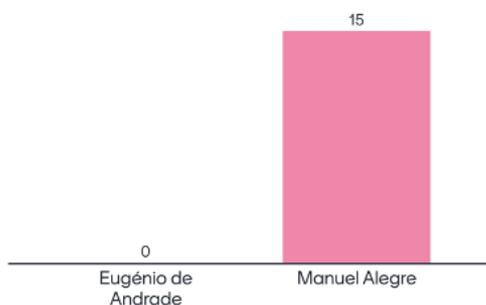
O resultado das perguntas pode ser consultado nos anexos da página 58 à 63.

3. Votação

Após a leção dos poetas contemporâneos, nomeadamente Eugénio de Andrade e Manuel Alegre, decidi fazer uma sondagem para que os alunos pudessem votar em um dos poetas que mais gostaram de estudar. A votação foi feita através do Mentimeter. É de realçar que a votação foi unânime e todos votaram no poeta contemporâneo Manuel Alegre.

Qual foi o poeta que gostaram mais de trabalhar?

Mentimeter



15

Figura 10- Resultado da votação nos poetas contemporâneos

4. Notas dos testes

Uma vez que lecionei sozinha um dos conteúdos do programa, o conto *Sempre é uma companhia* da autoria de Manuel da Fonseca, achei pertinente inserir as notas dos alunos aqui neste campo como instrumento de avaliação.

Deste modo, destaco que estas notas foram produto de um teste com o conteúdo que lecionei no domínio da Educação Literária.

Figura 11- Notas dos testes dos alunos

Comentários das notas:

Destaco que todos os domínios no teste corresponderam a 50 pontos, de modo a obter os 200 pontos, correspondentes a 20 valores.

No domínio da Educação Literária os pontos estiveram na casa dos 30 a 50 pontos. Sendo a nota mais alta de 49 pontos, enquanto a menor de 35 pontos.

Em relação ao domínio da Leitura os alunos tiveram pontos de 30, 40 e 50, sendo sete alunos com 30 pontos, nove com 40 pontos e, por último apenas 1 aluno obteve a nota máxima, 50 pontos.

No que diz respeito ao domínio da gramática, as notas variaram entre 9 a 50 pontos, O primeiro aluno obteve apenas 9 pontos, sendo a nota mais baixa. No entanto, houve dois alunos com a nota máxima, 50 pontos.

Por último e não menos importante, no domínio da escrita, o primeiro aluno obteve a menor nota da sala com 39 pontos, mais uma vez. A maior nota neste domínio foi de 45 pontos.

De uma forma geral, eu e a professora titular da turma consideramos as notas razoavelmente boas.

Destaco que o teste realizado pode ser encontrado nos anexos desde a página 65 até à 67.

Considerações Finais

Este relatório relata um percurso formativo profissionalizante na área do ensino de Português que iniciei em outubro e terminará com a defesa deste relatório.

Um ano após o início do Estágio Pedagógico e após a experimentação de um conjunto de funções, é possível realizar algumas reflexões acerca deste processo de aprendizagem contínua. Admito que a ideia de estagiar com uma turma do 12º ano foi um pouco assustadora, uma vez que os alunos tinham idades próximas da minha. Porém, fazendo um pequeno balanço sobre o ano letivo 2021/2022, posso concluir que o meu percurso durante a Prática Pedagógica Supervisionada foi positivo. O ano letivo 2021/2022 foi um ano muito exigente e de muito trabalho, no entanto, foi um ano muito proveitoso e gratificante, em que senti uma realização pessoal, a concretização de um objetivo há muito traçado por mim, ser professora de Português.

Acredito que todo e qualquer processo formativo, pressupõe uma forte implicação emocional. Este, em específico, levou-me a sair das minhas certezas e a perspetivar novos horizontes. Para além do facto de o ter realizado numa cidade desconhecida e, portanto, fora da minha “zona de conforto”, a mais de 1500 km de casa (Açores), exigiu de mim um esforço acrescido e uma maior capacidade de adaptação. Numa perspetiva global, julgo ter tido uma prestação positiva, conseguindo chegar aos alunos através da interação com todos ao mesmo tempo. Para além disso, estive sempre presente em todas as atividades realizadas pela minha orientadora, que sempre me cativaram e motivaram ao longo do ano.

Durante todo o período de estágio, tentei inovar na criação de atividades e materiais para motivar os alunos na sua participação com a ajuda fundamental da orientadora da escola. Neste sentido, considero que promovi momentos de articulação dos vários domínios do Português de uma forma interessante e dinâmica. Destaco que em quase todas as aulas, recorri ao uso de tecnologias digitais no ensino de todos os domínios. Neste sentido, aula após aula, notamos melhorias significativas nas intervenções dos alunos.

A minha atitude para viver este tempo de Prática de Ensino Supervisionada só poderia ser a de chegar para aprender com a orientadora, com o supervisor, com a colega de estágio e até com os alunos. Reconheço que saí desta experiência muito mais rica por toda a partilha, troca de

ideias e conhecimentos adquiridos ao longo destes longos meses de estágio. Assim, ainda tendo a consciência de que há muito a melhorar, acredito que todo o esforço, trabalho e dedicação que envolvi neste Estágio foram ao encontro das ideias consideradas inicialmente.

Desta experiência pedagógica resultaram reflexões várias das quais sucederam, entre outros, um escopo pessoal: dotar-me com estratégias que permitam aperfeiçoar, futuramente, toda a minha ação enquanto docente. Pretendo, também, limar arestas, aperfeiçoando falhas associados à falta de experiência e algum nervosismo.

Ao longo do ano letivo, procurei manter uma atitude segura, atenta, empenhada, e entusiasmada com a prática letiva, revelando-me sempre disponível e assídua em todas as atividades e aulas assistidas. Contudo, apesar de não ter experiência, também reconheço que cumpro e realizei tudo aquilo a que me propus, tal como aquilo a que fui proposta, fazendo o meu melhor e o que me era possível no momento (tanto a nível físico como psicológico).

Assim, considero que trabalhar com os alunos deste ano de escolaridade requer prática, experiência e paciência para ser possível cumprir com o objetivo principal: contribuir para que a educação de cada um seja eficiente no que às aprendizagens significativas diz respeito, assim como na responsabilidade de construir cidadãos com senso crítico e atitudes humanas. É por estes objetivos que a ação do professor é imprescindível e dotada de uma enorme responsabilidade.

Terminada a elaboração deste relatório, resta mencionar a principal limitação encontrada em diversas aulas:

- (i) A baixa qualidade do acesso à rede da Internet, impedindo o acesso aos recursos digitais da aula digital da Leya.

A dificuldade anteriormente mencionada foi ultrapassada ao longo das aulas através do empenho da docente estagiária, com a partilha de dados móveis do telemóvel para o computador escolar, assim como mediante o excelente contributo da orientadora da escola.

Por fim, deixo aqui um poema, da autoria do poeta Ricardo Reis, que me serve de referência desde há muito tempo e que tento concretizar em todos os momentos do meu dia:

“Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive”

Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática. 1946 (imp.1994). P. 148.

Referências Bibliográficas

- Amor, E. (1995). *Didática do Português. - Fundamentos e Metodologia* (5a ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Antunes, S., & Silva, A. C. (2016). *A relação de alunos dos Ensinos Básico e Secundário com a escrita: da escrita escolar à extraescolar*. Em A. C. Silva, *Questões Atuais da Educação em Línguas* (pp. 111-125). Famalicão: Edições Húmus.
- Balça, Â. & Azevedo, F. (2017). *Educação literária em Portugal: os documentos oficiais, a voz e as práticas dos docentes*. Revista Linhas. Florianópolis, pp. 131-153.
- Carvalho, J. A. (1999). *O Ensino da Escrita da teoria às práticas pedagógica*. Braga: Universidade do Minho.
- Carvalho, J.A. (2001). O ensino da escrita. Em Sequeira, F. & Carvalho, J.A. & Gomes, A. (org.). *Ensinar a escrever: teoria e prática: actas do Encontro de Reflexão sobre o Ensino da Escrita* (pp.73-92). Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/481/1/Jos%c3%a9%20Brand%c3%a3o%2073-92.pdf>
- Coelho, E.P. (2019). *De Corpo Perdido. Em Crónicas, Política e Cultura*. Imprensa Nacional.
- Colomer. T. (2003). *O ensino e a aprendizagem da compreensão em leitura*. In Carlos Lomas. *O Valor das Palavras (I). Falar, ler e escrever nas aulas* (pp. 159-178) - Lisboa: Edições Asa.
- Duarte, I.M. (2011). O Português, na escola, hoje. *Noesis* 59, pp. 24-26.
- Ferraz, M. J. (2007). *Ensino da Língua Materna*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Fonseca, F. I., & Fonseca, J (1997). *Em Pragmática linguística e ensino do Português*. Coimbra. Livraria Almedina.
- Giasson, J. (1993). *A Compreensão na leitura*. Lisboa: Edições ASA.

Machado, I. P. (2016). A falar é que a gente se entende: um projeto de promoção de competências no domínio da oralidade. Em Silva, A. C. (org.) *Questões Atuais da Educação em Línguas*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, pp.95-110.

Rangel, E.M. (2005). *Estratégias de leitura e gêneros textuais na formação do leitor crítico*, UNIFRA – Santa Maria-RS.

Rosado, A. (1999). *Léxico Comentado de Planificação e Avaliação*. Recuperado a 25 de Junho de 2010 de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm>

Sabino, M. M. C. (2008). Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*, no 45/5.

Santos, M. F. & Peixeiro, I. (2020). RE-WORD-IT®, *estratégias de atenção, leitura e escrita*. *Indagatio Didactica* vol. 12 (2), 205-217.

Sousa, M. D. (1998). Agora não posso. Estou a ler! Em M. D. de Sousa, & R. V. Castro, *entre linhas paralelas: estudos sobre o português nas escolas* (pp. 55-70). Braga: Angelus Novus.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais 12º Ano*. Descarregado em 31 de outubro de 20122, de Direção-Geral da Educação:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_portugues.pdf

1. Conto *Sempre é uma companhia*

CONTO "SEMPRE É UMA COMPANHIA" MANUEL DA FONSECA

António Barrasquinho, o Batola, é um tipo bem achado. Não faz nada, levanta-se quando calha, e ainda vem dormindo lá dos fundos da casa.

É a mulher quem abre a venda e avia aquela meia dúzia de fregueses de todas as manhãzinhas. Feito isto, volta à lida da casa. Muito alta, grave, um rosto ossudo e um sossego de maneiras que se vê logo que é ela quem ali põe e dispõe.

Pois quando entra para os fundos da casa, vem saindo o Batola com a cara redonda amarfanhada num bocejo. Que pessoas tão diferentes! Ele quase lhe não chega ao ombro, atarracado, as pernas arqueadas. De chapeirão caído para a nuca, lenço vermelho amarrado ao pescoço, vem tropeçando nos caixotes até que lá consegue encostar-se ao umbral da porta. Fica assim um pedaço, a oscilar o corpo, enquanto vai passando as mãos pela cara, como que para afastar os restos do sono. Os olhos, semicerrados, abrem-se-lhe um pouco mais para os campos. Mas fecha-os logo, diante daquela monotonia desolada.

Dá meia volta, enche a medida com o melhor vinho que há na venda, coloca-a sobre o balcão. Ao lado, um copo. Puxa o caixote, senta-se e começa a beber a pequenos goles. De quando em quando, cospe por cima do balcão para a terra negra que faz de pavimento. Enterra o queixo nas mãos grossas e, de cotovelo vincado na tábua, para ali fica com um olhar mortiço.

Às vezes, um rapazito entra na venda:venda:

– Tio Batola, cinco tostões de café.

O chapeirão redondo volta-se, vagaroso:vagaroso:

– Hã?... – Cinco tostões de café!

Batola demora os olhos na portinha que dá para os fundos da casa. Mas é inútil esperar mais. "Ah, se a mulher não vem aviar o rapazito é porque não quer,qu er, pois está a ouvir muito bem o que se passa ali na loja!" Quando se assegura que é esta e não outra a verdade dos factos, Batola tem de levantar-se. Espreguiça-se, boceja, e arrasta-se até à caixa de lata enferrujada. Mede o café a olho, um olho cheio de tédio, caído sobre o canudinho de papel.

Volta a encher o copo, atira-se para cima do caixote. E, no jeito que lhe fica depois de vaziar vinho goela abaixo, num movimento brusco, e de ter cuspidos com uns longes de raiva, parece que acaba de se vingar de alguém.

Tais momentos de ira são pedaços de revolta passiva contra a mulher. É uma longa luta, esta. A raiva do Batola demora muito, cresce com o tempo, dura anos. Ela, silenciosa e distante, como se em nada reparasse, vai-lhe trocando as voltas. Desfaz compras, encomendas, negócios. Tudo vem a fazer-se como ela entende que deve ser feito. E assim tem governado a casa.

Batola vai ruminando a revolta sentado pelos caixotes. Chegam ocasiões em que nem pode encará-la. De olhos baixos, põe-se a beber de manhã à noite, solitário como um desgraçado. O fim daquelas crises tem dado que falar: já muitas vezes, de há trinta anos para cá, aconteceu a gente da aldeia ouvir gritos aflitivos para os lados da venda. Era o Batola, bêbado, a espancar a mulher.

Tirando isto, a vida do Batola é uma sonolência pegada. Agora, para ali está, diante do copo, matando o tempo com longos bocejos. No estio, então, o sol faz os dias do tamanho de meses. Sequer à noite virá alguém à venda palestrar um bocado. É sempre o mesmo. Os homens chegam com a noitinha, cansados da faina. Vão direito a casa e daí a pouco toda a aldeia dorme.

Está nestes pensamentos o Batola quando, de súbito, lhe vem à ideia o velho Rata. Que belo companheiro! Pedia de monte a monte, chegava a ir a Ourique, a Castro, à Messejana. Até fora a Beja. Voltava cheio de novidades. Durante tardes inteiras, só de ouvi-lo parecia ao Batola que andava a viajar por todo aquele mundo.

Mas o velho Rata matara-se. Na aldeia, ninguém ainda atina ao certo com a razão que levou o mendigo a suicidar-se. Nos últimos tempos, o reumatismo tolhera-lhe as pernas, amarrando-o à porta do casebre. De quando em quando, o Batola matava-lhe a fome; mas nem trocavam uma palavra. Que sabia agora o Rata? Nada. Encostado à parede de pernas estendidas, errava o olhar enevoado pelos longes. Veio o verão com os dias enormes, a miséria cresceu. Uma tarde, lá se arrastou como pôde e atirou-se para dentro do pego da ribeira da Alcaria.

Aos poucos o tempo apagou a lembrança do Rata, o mendigo. Só o Batola o recorda lá de vez em quando. Mas, agora, abandonou a recordação e o vinho, e vai até ao almoço. Nunca bebe durante as refeições.

Depois, o sol desanda para trás da casa. Começa a acercar-se a tardinha. Batola, que acaba de dormir a sesta, já pode vir sentar-se, cá fora, no banco que corre ao longo da parede. A seus pés, passa o velho caminho que vem de Ourique e continua para o sul. Por cima, cruzam os fios da eletricidade que vão para Valmurado, uma tomada de corrente cai dos fios e entra, junto das telhas, para dentro da venda.

E o Batola, por mais que não queira, tem de olhar todos os dias o mesmo: aí umas quinze casinhas desgarradas e nuas; algumas só mostram o telhado escuro, de sumidas que estão no fundo dos córregos. Depois disso, para qualquer parte que volte

2

os olhos, estende-se a solidão dos campos. E o silêncio. Um silêncio que caiu, estirado por vales e cabeços, e que dorme profundamente. Oh, que despropósito de plainos sem fim, todos de roda da aldeia, e desertos!

Carregado de tristeza, o entardecer demora anos. A noite vem de longe, cansada, tomba tão vagorosamente que o mundo parece que vai ficar para sempre naquela magoada penumbra.

Lá vêm figurinhas dobradas pelos atalhos, direito às casas tresmalhadas da aldeia. Nenhuma virá até à venda falar um bocado, desviar a atenção daquele poente dolorido. São ceifeiros, exaustos da faina, que recolhem. Breve, a aldeia ficará adormecida, afundada nas trevas. E António Barrasquinho, o Batola, não tem ninguém para conversar, não tem nada que fazer. Está preso e apagado no silêncio que o cerca.

Ergue-se pesadamente do banco. Olha uma última vez para a noite derramada. Leva as mãos à cara, esfrega-a, amachucando o nariz, os olhos. Fecha os punhos, começa a esticar os braços. E abre a boca num bocejo tão fundo, o corpo torcido numa tal ansiedade, que parece que todo ele se vai despegar aos bocados. Um suspiro estrangulado sai-lhe das entranhas e engrossa até se alongar, como um uivo de animal solitário.

Quando consegue dominar-se, entra na venda, arrastando os pés. E, sem pressentir que aquela noite é a véspera de um extraordinário acontecimento, lá se vai deitar o Batola, derrotado por mais um dia.

De facto, na tarde seguinte apareceu uma nuvenzinha de poeira para as bandas do sul: ouvia-se ronronar um motor. Pouco depois, o carro parou à porta da venda. Fazia anos que tal se não dava na aldeia. Pelas portas, apareceram mulheres e crianças.

Dois homens saíram do carro. Um deles trazia fato de ganga, o outro, bem vestido, adiantou-se até à porta:

– Não nos pode dispensar uma bilha de água?

Batola, daí a pouco, sai com a infusa a escorrer. O do fato de ganga, que havia tirado a tampazinha da frente do carro, pôs-se a deitar a água para dentro. Enquanto isto acontece, o sujeito bem vestido dá uma mirada pela aldeia, pelos campos. Sopra, afogueado:

– Que sítio!...

Mas ao ver os fios da eletricidade e a ligação que entra junto das telhas da casa, olha para o Batola com atenção, medindo de alto a baixo. Entra na venda, põe-se a

observar as prateleiras. O exame parece agradar-lhe. Volta-se, sorridente, para o Batola, que lhe segue, desconfiado, todos os movimentos:

– Tem cerveja?

– Ná. Só vinho...

– Traga o vinho.

Muito instado, Batola bebe também. E aqui começa uma conversa que ele não entende. Só percebe, e isso agrada-lhe, que o homem é simpático e franco. Mas agora há uma pergunta a que tem de responder:

– Não, senhor...

O sujeito vai à porta, e diz para o motorista:

– Calcinhas, traz aí uma caixa do modelo pequeno.

A caixa é colocada sobre o balcão. De dentro sai uma outra caixa, mas de madeira polida. Ao meio tem um retângulo azul, cheio de letras e, em baixo, ao comprido, quatro grandes botões negros.

– Não tem uma tomada?

Em face da resposta, o homem vai ao automóvel. Volta e sobe ao balcão. Tira a lâmpada, enrosca aí a tomada, puxa o fio que sai da caixa, liga-o, e salta para o chão. Só nesse momento o Batola compreende. A princípio, apenas saem ruídos ásperos da caixinha, mas, aos poucos, desaparecem. Vem então uma música modulada, grave.

– Hem? Que tal?

Esfregando as mãos, começa a enumerar rapidamente as qualidades de um tal aparelho:

– É o último modelo chegado ao país. Quando se quer, é música toda a noite e todo o dia. Ou então canções. E fados e guitarradas! Notícias de todo o mundo, desde manhã até à noite, notícias da guerra!...

Aponta para o retângulo azul:

– Olhe, aqui, é Londres; aqui, a Alemanha; aqui, a América. É simples: vai-se rodando este botãozinho...

Poisa a mão sobre o ombro do Batola, e exclama:

– Dou-lhe a minha palavra de honra que não encontram nenhum aparelho pelo preço deste! Sem dar tempo a qualquer resposta, ordena:

– Traz a pasta, Calcinhas! Vem a pasta. Batola, aturdido, olha para os papéis de várias cores que vão aparecendo sobre o balcão. A música, vibrante, enche a venda, ressoa pelos campos.

– Aqui é Londres, hem! – grita o homem. – O senhor sabe ler? Então leia aqui!

Mostra os papéis, gesticula e sorri, sorri sempre. Batola coça o queixo com os dedos grossos. Olha as contas que o outro lhe mostra, olha de soslaio para a mulher. Volta a coçar-se. E tudo isto se repete durante uma longa hora.

Batola, por fim, cabisbaixo, emudece, como que vencido. Rapidamente, o vendedor preenche, sobre o balcão, um largo impresso e, depois, doze letras. São as prestações. Dá a caneta ao Batola que se põe a assinar penosamente papelinho a papelinho. Está quase a acabar a difícil tarefa quando a mulher o interrompe, numa voz lenta e carregada:

– António, tu não compras isso.

Então, inicia-se uma luta entre o vendedor e a mulher. Mas as frases e o sorriso do homem bem vestido não surtem agora o mesmo efeito: vão-se sumindo, sem remédio, diante daquele rosto ossudo e decidido.

Ali, só há uma palavra:

– Não.

A cara redonda do Batola começa a encher-se de fundas rugas. Num repente, pega na caneta e assina o resto das letras:

– Pronto! Quem manda sou eu!

Os olhos da mulher trespassam-no. Volta o rosto pálido para o vendedor de telefonias, torna a voltar-se para o marido. Por momentos, parece alheada de tudo quanto a cerca. Vagarosa, no tom de quem acaba de tomar uma resolução inabalável, apruma-se, muito alta, dominadora, e diz:

– António, se isso aqui ficar eu saio hoje mesmo de casa. Escolhe.

Toda a gente da aldeia que enche a venda sabe que ela fará o que acaba de dizer. Até o vendedor pressente que assim será. Pensativo, olha para o Batola. De súbito, tira um papel qualquer de dentro da pasta e adianta-se:

– Bem, a senhora não se exalte. Faz-se uma coisa: a telefonia fica à experiência, durante um mês. Se não quiserem, devolvem-na; nós devolvemos as letras. Assine aqui, Sr. Barrasquinho. Pronto. Agora já a senhora pode ficar descansada.

– Mas – pergunta ainda a mulher – quanto se paga de aluguer por esse mês?

– Nada! – responde o homem, de novo risonho. – Por isso não se paga nada!

E, ao meter os papéis dentro da pasta, repara que já é muito tarde. Apressado, conta que veio por ali devido a um engano no caminho. Sai da venda, entra no carro, e diz ao Batola, aproveitando o ruído do motor:

– Você, agora, arrume a questão: tem um mês para a convencer.

Mal o carro parte, deixando uma nuvem de poeira à retaguarda, atira a pasta para o assento de trás, e grita alegremente:

– Hem, Calcinhas! Levou-me uma tarde inteira, mas foi. Foi de esticção!

De facto, era sol-posto, pelos atalhos, os ceifeiros recolhiam à aldeia.

Mas, nessa tarde, vieram todos à venda, onde entraram com um olhar admirado. Uma voz forte, rápida, dava notícias da guerra.

Só de lá saíram depois de a voz se calar. Cearam à pressa, e voltaram. Era já alta noite quando recolheram a casa, discutindo ainda, pelas portas, numa grande animação.

Um sopro de vida paira agora sobre a aldeia. Todos sabem o que acontece fora dali. E sentem que não estão já tão distantes as suas pobres casas. Até as mulheres vêm para a venda depois da ceia. Há assuntos de sobra para conversar. E grandes silêncios quando aquela voz poderosa fala de cidades conquistadas, divisões vencidas, bombardeamentos, ofensivas. Também silêncio para ouvir as melodias que vêm de longe até à aldeia, e que são tão bonitas!...

Acontece até que, certa noite, se arma uma festa na venda do Batola. Até as velhas dançaram ao som da telefonia. Nos intervalos, os homens bebiam um copo, junto ao balcão, os pares namoravam-se, pelos cantos. Por fim, mudou-se de posto para ouvir as notícias do mundo. Todos se quedaram, atentos.

– Ah! – grita de repente o Batola. – Se o Rata ouvisse estas coisas não se matava!

Mas ninguém o compreende, de absorvidos que estão.

E os dias passam agora rápidos para António Barrasquinho, o Batola. Até começou a levantar-se cedo e a aviar os fregueses de todas as manhãzinhas. Assim, pode continuar as conversas da véspera. Que o Batola é, de todos, o que mais vaticínios faz sobre as coisas da guerra. Muito antes do meio-dia já ele começa a consultar o velho relógio, preso por um fio de ouro ao colete.

Só a mulher quase deixou de aparecer na venda. E ninguém sabe que pensa ela do que contam as vozes desconhecidas aos homens da aldeia, pois, através do tabique de ripas separadas por grandes fendas, ouve-se tudo que se passa na venda. Ouve-se e vê-se, querendo, a alegria que certas notícias trazem aos ceifeiros, o gosto e o propósito que eles têm ao ouvir determinada voz que é de todas a mais desejada e acreditada.

E os dias custaram tão pouco a passar que o fim do mês caiu de surpresa em cima da aldeia da Alcária. Era já no dia seguinte que a telefonia deixaria de ouvir-se. Iam todos, de novo, recuar para muito longe, lá para o fim do mundo, onde sempre tinham vivido.

Foi a primeira noite em que os homens saíram da venda mudos e taciturnos. Fora esperava-os o negrume fechado. E eles voltavam para a escuridão, iam ser, outra vez, o rebanho que se levanta com o dia, lavra, cava a terra, ceifa e recolhe vergado pelo cansaço e pela noite. Mais nada que o abandono e a solidão. A esperança de melhor vida para todos, que a voz poderosa do homem desconhecido levava até à aldeia, apagava-se nessa noite para não mais se ouvir.

Dentro da venda, o Batola está tão desalentado como os ceifeiros. O mês passou de tal modo veloz que se esqueceusqueceu de preparar a mulher. Sobe ao balcão, balcão, desliga o fio e arruma o aparelho. Um pouco dobrado sobre as pernas arqueadas, com o chapeirão a encher-lhe a cara de sombra, observa magoadamente a preciosa caixa.

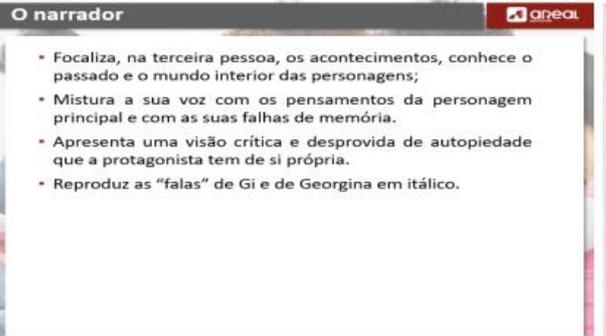
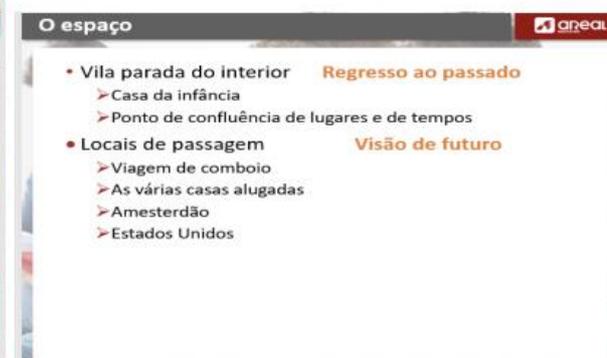
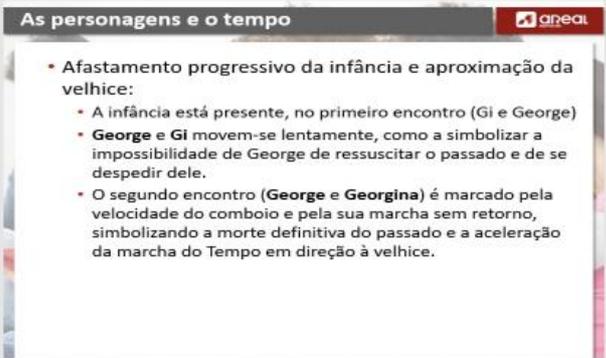
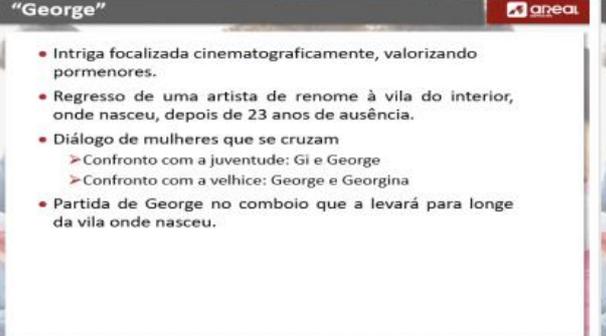
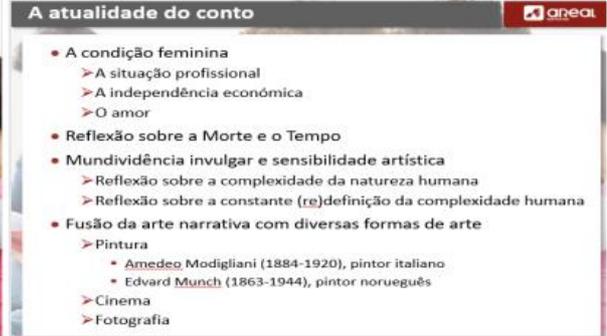
Assim está, quando um pressentimento o obriga a voltar a cabeça: junto da porta que dá para os fundos da casa, a mulher olha-oolha-o com um ar submisso. “Que terá acontecido?”, pensa o Batola, Bato la, admirado de a ver ainda levantada àquela hora.

– António – murmura ela, adiantando-se até ao meio da venda. – Eu queria pedir-te uma coisa...

Suspenso, o homem aguarda. Então, ela desabafa, inclinando o rosto ossudo, onde os olhos negros brilham com uma quase expressão de ternura:

– Olha... Se tu quisesses, a gente ficava com o aparelho. Sempre é uma companhia neste deserto.

2. Definição e características do Conto



María Judite de Carvalho
“George”
As três idades da vida
O diálogo entre realidade, memória e imaginação
Metamorfoses da figura feminina
A complexidade da natureza humana

A atualidade do conto

- A condição feminina
 - A situação profissional
 - A independência económica
 - O amor
- Reflexão sobre a Morte e o Tempo
- Mundividência invulgar e sensibilidade artística
 - Reflexão sobre a complexidade da natureza humana
 - Reflexão sobre a constante (re)definição da complexidade humana
- Fusão da arte narrativa com diversas formas de arte
 - Pintura
 - Amedeo Modigliani (1884-1920), pintor italiano
 - Edvard Munch (1863-1944), pintor norueguês
 - Cinema
 - Fotografia

“George”

- Intriga focalizada cinematograficamente, valorizando pormenores.
- Regresso de uma artista de renome à vila do interior, onde nasceu, depois de 23 anos de ausência.
- Diálogo de mulheres que se cruzam
 - Confronto com a juventude: Gi e George
 - Confronto com a velhice: George e Georgina
- Partida de George no comboio que a levará para longe da vila onde nasceu.

A protagonista

As três idades da vida

- Gi
- George
- Georgina

As personagens e o tempo

- Afastamento progressivo da infância e aproximação da velhice:
 - A infância está presente, no primeiro encontro (Gi e George)
 - **George e Gi** movem-se lentamente, como a simbolizar a impossibilidade de George de ressuscitar o passado e de se despedir dele.
 - O segundo encontro (**George e Georgina**) é marcado pela velocidade do comboio e pela sua marcha sem retorno, simbolizando a morte definitiva do passado e a aceleração da marcha do Tempo em direção à velhice.

O espaço

- Vila parada do interior **Regresso ao passado**
 - Casa da infância
 - Ponto de confluência de lugares e de tempos
- Locais de passagem **Visão de futuro**
 - Viagem de comboio
 - As várias casas alugadas
 - Amsterdão
 - Estados Unidos

O narrador

- Focaliza, na terceira pessoa, os acontecimentos, conhece o passado e o mundo interior das personagens;
- Mistura a sua voz com os pensamentos da personagem principal e com as suas falhas de memória.
- Apresenta uma visão crítica e desprovida de autopiedade que a protagonista tem de si própria.
- Reproduz as “falas” de Gi e de Georgina em itálico.

María Judite de Carvalho
“George”
As três idades da vida
O diálogo entre realidade, memória e imaginação
Metamorfoses da figura feminina
A complexidade da natureza humana

3. Questionário sobre o conto *Sempre é um companhia*

Conto "Sempre é uma companhia"

Classifica com verdadeira ou falsa as seguintes afirmações. Para cada afirmação terá de ir buscar citações ao conto que comprovam a sua veracidade.

[Inicie sessão no Google](#) para guardar o seu progresso. [Saiba mais](#)

*Obrigatório

Email *

O seu email

1. A venda do Batola tinha muitos clientes.

A sua resposta

2. O Batola passava a vida a lamentar a morte da mulher.

A sua resposta

3. O Batola era violento para com a sua mulher.

A sua resposta

4. O Batola só bebida durante as refeições.

A sua resposta

5. O Rata, fiel companheiro de Batola, tinha viajado imenso e trazia as novidades.

A sua resposta

6. O Batola e a mulher eram pessoas muito parecidas.

A sua resposta

7. O Batola vivia com a sensação de que o tempo passava muito depressa.

A sua resposta

8. No final do dia, muitos dos habitantes da aldeia reuniam-se na venda do Batola.

A sua resposta

9. Era habitual passarem carros pela aldeia.

A sua resposta

10. O aparecimento da radio só aconteceu devido a um engano que levou dois homens à aldeia de Alcaria.

A sua resposta

11. A mulher de Batola aceitou de imediato a ideia da telefonia na sua venda.

A sua resposta

12. António Barrasquinho teve um mês para convencer a mulher a ficar com a telefonia na venda.

A sua resposta

13. O Batola pressupõe que o Rata suicidou-se por sentir-se isolado e estagnado no tempo na aldeia de Alcaria.

A sua resposta

14. A mulher de Batola esteve sempre presente durante a experiência da telefonia na venda.

A sua resposta

15. Depois de um mês à experiência, a mulher de Batola recusa a continuação da telefonia na venda.

A sua resposta

4. Quiz acerca das personagens do conto *Sempre é uma companhia*

1. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Personagem de estatura baixa, "atarracado, as pernas arqueadas".

opções de resposta

- Rata Batola
 Ceifeiros Vendedor

2. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Personagem "muito alta, grave", tem "um rosto ossudo" e "olhos negros".

opções de resposta

- Batola Ceifeiros
 Mulher de Batola Rata

3. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. É um mendigo, um viajante e mensageiro de notícias do exterior.

opções de resposta

- Mulher de Batola Rata
 Ceifeiros Batola

4. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Trabalhando "de sol a sol" arduamente nos campos, de onde chegam exaustos do dia de imenso trabalho.

opções de resposta

- Ceifeiros Batola
 Mulher de Batola Vendedor

5. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Usa uma indumentária própria do homem alentejano: um "chapeirão" e um "lenço amarrado ao pescoço".

opções de resposta

- Rata Ceifeiros
 Vendedor e Calcinhas Batola

6. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Personagem responsável, diligente ("abre a meia dúzia de avia aquela meia dúzia de fregues"), determinada, autoritária, dominadora ("ela quem ali põe e fregues").

opções de resposta

- Mulher de Batola Batola
 Rata Vendedor

7. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Personagem preguiçosa, infeliz, solitária, sonolenta ("vem dormindo lá dos fundos"), inativa, bêbada ("senta-se e beber a pequenos goles"), agressiva e violenta.

opções de resposta

- Mulher de Batola Rata
 Batola Ceifeiros

8. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Suicida-se quando deixou de poder viajar devido ao reumatismo que o deixou paralisado.

opções de resposta

- Mulher de Batola Batola
 Vendedor Rata

9. Múltipla escolha

⌚ 2 minutos

Q. Vendedor de aparelhos radiofónicos; Comerciante, amigo de vendedor, cativante, convincente e calculista.

opções de resposta

- Mulher de Batola Vendedor
 Batola Rata

5. Exemplos de notícias

Homem de 65 anos acusado de violência doméstica praticada fora com a mulher

Antônio Barrosquinho, vulgamente apelidado de Batole na localidade de Alcoria, Alentejo, foi denunciado ^{inter} por parte dos vizinhos de mau trato para com a sua esposa, Alice Barrosquinha.

Os vizinhos queixam-se de ouvir gritos e ruídos desagradáveis vindos da casa do casal. Contaram que esta situação já não era de agora mas que tinha de acabar. Foram os vizinhos que tomaram esta decisão já que a esposa não o tirava fôrto.

O caso está entregue às autoridades locais. O arguido está em prisão preventiva e aguarda julgamento no tribunal de instrução do distrito de Alentejo.

A mulher recebeu apoio hospitalar mas já teve alta.

Violência em Alcoria

Em 12 de janeiro de 2022 foi decretado um caso de violência doméstica numa pequena cidade de Portugal localizada no Alentejo, Alentejo. Quem realizou a denúncia de violência entre António Barrosquinho e a sua mulher, após danos de venda de álcool, foi um dos seus clientes habituais.

Aparentemente, segundo este cliente, a violência entre este casal era bastante recorrente e devia-se ^{substante} ao facto de António Barrosquinho, o agressor, se sentir injuriado em relação à sua mulher, visto que ^{este} tomava decisões relativas à venda e etc. mesmo sobre as suas vidas pessoais. António Barrosquinho, um homem de estatura média, costuma beber várias vezes ao dia, chegando sempre bêbado ao final do dia, momento em que se encontra mais violento. A mulher de António Barrosquinho encara-se ^{segundo este cliente} sob observação (*). Na próxima semana irá ser presente a tribunal, onde ficará decidido a pena que António Barrosquinho irá enfrentar.

(*): e ravel alguns hematomas espalhados por todo o corpo

25

Atividade de Escrita

HOSTILIDADE CONJUGAL EM ALCARIA

(Lead)

Antônio Barros, homem de 54 anos, que avançou violentamente na sua mulher, é julgado hoje no tribunal de Beja, após várias queixas e testemunhas da vizinhança, na aldeia de Alcaria, após vários meses de ^{agressão doméstica} (caso).

Em comunicado, a Polícia informou que a detenção do acusado ocorreu no domingo, tendo sido o "homem apunhado durante o ato de agressão à vítima, sua esposa de 45 anos.

A Polícia revelou, entretanto, que o agressor se encontrava sob o efeito do álcool, que, segundo testemunhas, um dos motivos pelo qual o indivíduo apresentava, cada vez mais frequentemente, comportamento intencional e descontrolado.

Assim que se deu conta de uma possível periculosidade, "vizinhos e conhecidos do casal tentaram várias vezes diminuir estes hábitos no agressor, sendo, no entanto, esforços em vão", continua a publicação.

A vítima encontra-se em recuperação no Hospital José Joaquim Fernandes, e relata que "quer ver este processo feito de imediato e de maneira justa.

Mais atualizações serão dadas, à medida que o caso evolua

6. Sequências textuais- PowerPoint

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Organização de sequências textuais

Qualquer texto é constituído por um conjunto de sequências que, organizadas entre si, determinam a estrutura global, permitindo a sua classificação como, predominantemente, pertencente a uma determinada família de textos.

Essas sequências podem ser de natureza:

narrativa

descritiva

argumentativa

explicativa

dialogal

ASA

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Explicativa

A intenção comunicativa é a de **explicar, expor e informar**. O objetivo é conduzir o leitor à compreensão da informação fornecida.

Exemplificação	Marcas	Gêneros textuais
<p>Como é que os colibris pairam Incrivelmente, os colibris – ou beija-flores – têm imensa dificuldade em andar devido às suas patas minúsculas. Em vez disso, pairam sobre o solo batendo as suas asas num movimento em forma de oito, cerca de 80 vezes por segundo. [...] A ave baixa significativamente a temperatura corporal e a atividade metabólica e, basicamente, “desmaia” para conservar energia.</p> <p><i>Quero Saber</i>, janeiro de 2015</p>	<ul style="list-style-type: none"> Utilização predominante do presente do indicativo. Discurso predominantemente de terceira pessoa. Especificidade lexical (de acordo com a temática tratada). Estruturas qualificativas (modificadores, orações relativas, ...). 	<p>Artigos de natureza científica ou enciclopédica</p> <p>Definições</p>

ASA

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Descritiva

Apresentação da **descrição de um objeto/tema** ao qual se atribuem **características/qualidades**.

Exemplificação	Marcas	Gêneros textuais
<p>“Visto de dentro da capa de oleado, o mundo parecia uma coisa irreal, alva, inefável como um sonho. O céu estava ainda mais silencioso e mais alto que de costume.”</p> <p>Miguel Torga, <i>Novas contos da montanha</i>, “Fronteira”</p>	<ul style="list-style-type: none"> Predomínio de verbos de estado: <i>ser, estar, parecer...</i> Utilização do presente e/ou imperfeito do indicativo para transmitir a perspetiva durativa. Estruturas qualificativas (modificadores/orações relativas ...). Abundância de recursos expressivos. 	<p>Retrato</p> <p>Adivinha</p>

ASA

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Argumentativa

A intenção comunicativa é a de **convencer, persuadir** o interlocutor. A argumentação está presente em várias situações do dia a dia: **discussões, debates, diálogos...**

Exemplificação	Marcas	Gêneros textuais
<p>Comunidade edp Vantagens que nos unem. Poupe na sua fatura de energia. A sua família pode poupar ainda mais. Com a Comunidade EDP ganha descontos na sua fatura de energia, através de compras nos nossos parceiros e também encontra as melhores dicas de eficiência energética, para aplicar em sua casa e poupar no seu dia a dia.</p> <p><i>Visão</i>, n.º 1217, 30/06 a 06/07/2016</p>	<ul style="list-style-type: none"> Verbos no presente do indicativo. Estruturação do discurso argumentativo: tese → argumentação → conclusão. Abundância de conectores que marcam a progressão e articulam as diferentes partes do texto. 	<p>Artigo de opinião</p> <p>Discurso político</p> <p>Sermão</p> <p>Texto publicitário</p> <p>Diálogo argumentativo</p>

ASA

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Dialogal

Ocorre sempre que os **interlocutores conversam, usando da palavra alternadamente**. Está presente em qualquer interação verbal, em diferentes situações e contextos.

Exemplificação	Marcas	Gêneros textuais
<p>Augusto mudou de tom, dizendo-lhe: – Prometes passar por minha casa esta madrugada? – Pois sempre quer?... – Se não partir contigo, partirei só. – Nesse caso... – Espero-te. Aonde vais agora? – Ao mosteiro. – Ah!... vais ao mosteiro?...</p> <p>Júlio Dinis, <i>A morgadinho dos canaviais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Referenciação deíctica Marcas relacionadas com a situação de produção do discurso: alternância da primeira e da segunda pessoas e formas verbais no presente do indicativo. Discurso marcado pelas características da oralidade (repetições, pausas, ...). No registo escrito, apresenta travessões e mudança de linha para assinalar a mudança de interlocutor. 	<p>Conversa</p> <p>Diálogo</p> <p>Debate</p> <p>Entrevista</p>

ASA

SENTIDOS 12 PORTUGUÊS Sequências textuais

Narrativa

Narração de acontecimentos, vividos por **personagens** num determinado **espaço**, e que apresentam uma certa **sequecialização temporal**.

Exemplificação	Marcas	Gêneros textuais
<p>“Calmamente, o Felismino acabou então de se vestir, foi à gaveta do pão buscar uma côdea, e quando acabou de mastigar bebeu dum trago um cálice de aguardente. Depois, pôs o cinturão, tirou a arma do prego...”</p> <p>Miguel Torga, <i>Novas contos da montanha</i>, “A caçada”</p>	<ul style="list-style-type: none"> Pretérito perfeito alternando com pretérito imperfeito e presente do indicativo. Conectores de natureza espaço-temporal. Articuladores que demarcam a sequecialização narrativa. 	<p>Biografia</p> <p>Memórias</p> <p>Conto</p> <p>Fábula</p> <p>Lenda</p> <p>Notícia</p> <p>Novela</p> <p>Romance</p>

ASA

7. Questionário acerca da prática de ensino

1. Se pudesses alterar algum aspecto da dinâmica das aulas lecionadas, o que mudarias?

Nada

5 respostas

A interação com os alunos por vezes, por serem respostas tão fáceis, não respondemos devido a parecer fácil se mais penso.

1 resposta

Nenhum

1 resposta

Como os alunos muitas vezes não conhecem aspetos mais teóricos da matéria as vezes é difícil de participar.

1 resposta

Não mudaria nada, acho que a professora melhorou muito

1 resposta

Nada.

1 resposta

A forma que pedes para participar-nos.

1 resposta

Dar mais tempo para responder às questões, apesar de estar a melhorar ultimamente

1 resposta

Não mudaria nada. Achei as aulas cativantes e senti que a professora deixou os alunos sempre muito à vontade.

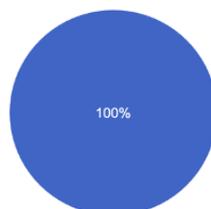
1 resposta

Não alterava nada.

1 resposta

2. Sentes que aprendeste com as minhas aulas?

14 respostas



● Sim
● Não

3. Descreve as aulas lecionadas em apenas 1 palavra.

Inovadoras

2 respostas

Dinâmicas

2 respostas

Alegres

1 resposta

Diferentes

1 resposta

Criativas

1 resposta

Interessantes

1 resposta

Boa

1 resposta

Dinâmica

1 resposta

Informativas

1 resposta

Cativantes

1 resposta

Diversidade

1 resposta

Simple

1 resposta

4. Qual foi o conteúdo lecionado que achaste mais interessante? E porquê?

As fichas de gramática. Explicas-te, nota-se que sabe sobre

1 resposta

Contos porque é mais fácil de compreender

1 resposta

Os poemas de Manuel Alegre pela mensagem que transmitem

1 resposta

Os poemas de Manuel Alegre porque adoro o tema da liberdade.

1 resposta

O conto, pois é mais acessível. É simples para estudar e aprender.

1 resposta

Poesia. Mesmo não apreciando muito de poesia achei que a professora cativou muito os alunos

1 resposta

O conto porque é um estilo de texto que não costumamos estudar.

1 resposta

O conto "Sempre é uma companhia" pois achei muito interessante e gostei da maneira como a professora lecionou o conto.

1 resposta

O conto, devido à facilidade

1 resposta

Poetas contemporâneos, temáticas mais interessantes

1 resposta

O conto sempre é uma companhia

1 resposta

Ricardo Reis, porque acho o próprio mais interessante

1 resposta

Poetas contemporâneos, pois abordam temáticas interessantes

1 resposta

5. Qual foi o conteúdo lecionado que achaste menos interessante? E porquê?

Eugénio de Andrade, porque a sua poesia é muito realista e objectiva. Gosto de mais profundidade e palavras não usuais nas poesias.

1 resposta

Eugénio de Andrade pois achei os temas menos interessantes e mais difíceis do que os outros poetas .

1 resposta

Os poemas de Eugénio de Andrade porque não me interessei muito pelas suas temáticas.

1 resposta

Os poemas, não pelo facto de não saber explicar e sim porque não interesse-me muito

1 resposta

Poesia porque exige um maior interesse e gosto pela disciplina e pela leitura.

1 resposta

Poesia porque é um conteúdo que tenho mais dificuldade e interpretar

1 resposta

O conto pois tinha um conteúdo mais monótono e repetitivo.

1 resposta

Eugenio de Andrade, porque não gosto muito dos temas

1 resposta

Conto "Sempre é uma companhia ", pouco conteúdo

1 resposta

Talvez a gramática por não ser tão interessante

1 resposta

Eugénio de Andrade, não é muito o meu estilo.

1 resposta

Os poemas, por uma questão de gosto pessoal

1 resposta

O conto porque não me cativou tanto

1 resposta

O conto, porque achei chato.

1 resposta

6. De todas as atividades que foram feitas, qual foi a que gostaste mais?

Quizzes

3 respostas

Quizes

2 respostas

Os quizzes

1 resposta

Escrever os versos.

1 resposta

Atividades de gramáticas

1 resposta

As atividades no quizz e no menti

1 resposta

Os quizzes

1 resposta

Dos jogos interativos.

1 resposta

Os quizzes e as atividades que fizemos no menti.

1 resposta

Foi o quiz

1 resposta

Os quizzes

1 resposta

7. De todas as atividades que foram feitas, qual foi a que sentiste mais dificuldade?

Escrever poemas

5 respostas

Escrever os poemas

1 resposta

Os poemas que nós tivemos que fazer e a gramática.

1 resposta

O poema

1 resposta

A elaboração dos poemas, mas acho interessante contudo

1 resposta

Poemas porque é algo que não fazemos muito.

1 resposta

Gramática

1 resposta

Os poemas de Eugénio de Andrade.

1 resposta

Realização de poemas

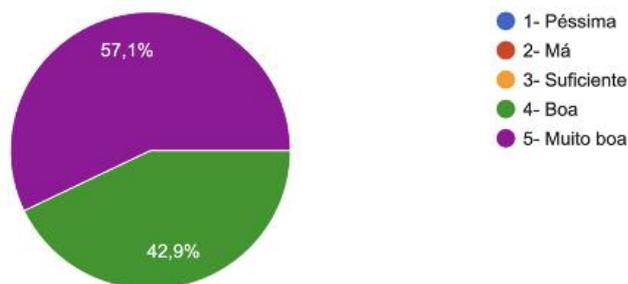
1 resposta

Nenhuma.

1 resposta

8. De uma forma geral, como avalias as minhas aulas de 1 a 5?

14 respostas



8. Avaliação dos alunos do desempenho da professora

Positivo: esforçada, determinada, simpática, sempre na tentativa de melhorar
Negativo: falar rápido na interpretação dos poemas

Positivo: A professora dá a aula de maneira positiva e alegre e isso contagia os alunos.
Negativo: Poderia dar mais tempo para completar as tarefas.

Um aspeto positivo: interatividade durante as aulas com as atividades e comunicação entre professor e aluno. Um aspeto negativo: as vezes os alunos podem ficar com pouca informação/material por onde estudar a matéria.

Aspeto positivo: As aulas da professora são muito diversificadas, interessantes e motivadoras.
Aspeto negativo: De momento, não me ocorre nada de negativo, sinceramente, mas acho que como a professora está a começar, só com tempo melhora.

9. Teste



Ano letivo 2021/2022

Português
Avaliação escrita

12º ano
março 2022

PROPOSTA DE CORREÇÃO

Educação Literária

GRUPO I

Depois, o sol desanda para trás da casa. Começa a acercar-se a tardinha. Batola, que acaba de dormir a sesta, já pode vir sentar-se, cá fora, no banco que corre ao longo da parede. (...)
E, sem pressentir que aquela noite é a véspera de um extraordinário acontecimento, lá se vai deitar o Batola, derrotado por mais um dia.

Manuel da Fonseca, "Sempre é uma companhia", in *O fogo e as cinzas*, Alfragide, Caminho, 2011.

1.- **Descreva** o espaço físico e social em que se desenrola a ação, tal como é perspetivado pelo Batola e **relacione** com a expressão "é a véspera de um extraordinário acontecimento". **Justifique** com expressões do texto.

Espaço físico e social perspetivado por Batola: Alcaria, a aldeia, é espaço pobre, deserto ("aí umas quinze casinhas desgarradas e nuas"), isolado que transmite monotonia e solidão. Destaca-se o caminho que passa ao lado da venda e através do qual se estabelece comunicação com o exterior, com o mundo ("o velho caminho que vem de Ourique e continua para sul"). Também o espaço social se caracteriza por uma comunidade pobre (tal como o espaço em que habita), isolada do mundo, que sobrevive pelo trabalho no campo; Quer o espaço físico quer o social desenvolve em Batola uma tristeza enorme que o deixa "preso e apagado no silêncio que o cerca".

Expressão "é a véspera de um extraordinário acontecimento": remete para uma perturbação na vida diária da aldeia, justamente com a chegada de dois estranhos, o vendedor e o Calcinhas, em que o primeiro aproveita para vender uma telefonia ao Batola. É este acontecimento que influenciará a dinâmica do espaço físico e social, tornando-o mais animado, através das músicas e notícias da guerra, facto que deixa aos habitantes a sensação de que já não estão tão distantes do mundo.

2.- **Enuncie** os traços caracterizadores dos habitantes de Alcaria e **explícite** a personificação do tempo, fundamentando a resposta com citações textuais pertinentes.

Traços caracterizadores dos habitantes de Alcaria: são pessoas cujo ritmo de vida dependia da luz do Sol e a chegada da noite trazia ainda mais solidão e escuridão ("A noite vem de longe, cansada, tomba tão vagarosamente que o mundo parece que vai ficar para sempre naquela magoada penumbra."); vivem isolados do mundo, com um modo de vida rotineiro e de trabalho árduo ("São ceifeiros, exaustos da faina, que recolhem").

Personificação do tempo: enfatiza a vivência psicológica do tempo e reforça o sofrimento da personagem ("Carregado de tristeza, o entardecer demora anos. A noite vem de longe, cansada")

3.- O terceiro parágrafo inicia-se com uma

- A. adjetivação que remete para o espaço em que se desenrola a ação.
- B. comparação entre o fim da tarde e o estado de espírito do Batola.
- C. hipérbole que reforça o sofrimento do Batola e evidencia a sua vivência psicológica do tempo.
- D. sinédoque do Alentejo.

4.- **Tendo em conta** o seu conhecimento global do conto "Sempre é uma companhia", **indique** as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F). Reescreva as falsas corretamente.

1.- A rádio transforma o espaço e o tempo em Alcaria durante o mês em que fica à experiência. **V**

2.- A ação do conto passa-se durante a década de 1920 e inicia-se com a descrição da vida social agitada da aldeia: as mulheres conversam; os jovens dançam é agitada e animam o ambiente da venda. **F**

(Correção: A ação do conto passa-se durante a década de 1940 e inicia-se com a descrição de um ambiente social monótono da aldeia: todos trabalhavam imenso, regressavam a suas casas para descansar e pouco frequentavam a venda.)

3.- O Rata é uma espécie de mensageiro, viaja e traz as novidades do mundo que conta, à noite, no largo, aos ceifeiros e aos clientes da venda, daí que a rádio só interessou aos habitantes da aldeia porque lhes permitia ouvir música. F

Correção: O Rata é uma espécie de mensageiro, viaja e traz as novidades do mundo que conta ao Batola na venda. A rádio foi mais importante já que permitiu aos habitantes o contacto como mundo exterior; saber notícias do país e do mundo, e também ouvir música.)

GRUPO II

O leitor acompanha mais de perto o drama pessoal e íntimo das duas personagens nucleares, mas vai também lendo sobre as angústias e os problemas do Rata e dos outros habitantes da aldeia.

Escreva uma breve exposição (entre 100 a 200 palavras sobre o conto "Sempre é uma companhia".

- uma introdução ao tema;
 - um desenvolvimento no qual explicita as relações que se estabelecem entre as personagens no conto, fundamentando a sua explicitação com, pelo menos, dois exemplos significativos;
 - uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.
-
- Batola e a mulher (relação matrimonial) marcada pelo vazio de sentimentos e frieza (coexistem apenas);
 - Batola e o Rata (relação de amizade) que contrasta entre o imobilismo de um e as viagens de outro.
 - Batola e o vendedor (relação comercial) relevante para a mudança das dinâmicas da aldeia.
 - Batola e os restantes habitantes (antes: distanciamento; depois: proximidade e convívio).

GRUPO III

Leitura

O LÁPIS JÁ NÃO É O QUE ERA

Volto ao excelente filme *Eu, Daniel Blake*. (...) Nas situações mais extremadas, de um lado um novo cárcere, do outro uma velha exclusão.

António Bagão Félix, in público, edição online de 13 de dezembro de 2016
(consultado em novembro de 2016, com supressões).

1. A referência ao filme *Eu, Daniel Blake* justifica-se

- (A) por ser um filme sobre as novas tecnologias.
- (B) já que se trata de um filme sobre a solidariedade.
- (C) uma vez que o texto é uma reflexão sobre a importância da evolução tecnológica.
- (D) porque um pormenor de uma cena é o mote para o desenvolvimento do texto.

2. No texto apresenta-se uma perspetiva pessoal de discordância relativamente à

- (A) multiplicidade de instrumentos tecnológicos à disposição das novas gerações.
- (B) inutilidade de antigos objetos de escrita nos tempos modernos.
- (C) discrepância de saberes entre as gerações mais novas e as mais antigas, o que pode criar falsos juízos sobre competências.
- (D) atitude dos mais novos face aos saberes rudimentares dos mais antigos.

3. O autor é da opinião que

- (A) paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, definham as relações interpessoais.

- (B) as novas tecnologias funcionam como uma prisão para os mais velhos.
(C) a maior aptidão tecnológica das novas gerações é proporcional ao incremento nas relações pessoais.
(D) a utilização crescente do computador leva os mais jovens a abandonar os mais idosos.

4. No contexto em que surge, o termo "miríade" pode ser substituído por

- (A) idealização.
(B) virtualidade.
(C) imensidade.
(D) centena.

5. O último parágrafo do texto constitui uma sequência predominantemente

- (A) argumentativa.
(B) dialógica.
(C) explicativa.
(D) descritiva.

GRUPO IV

1.- Refira os mecanismos de coesão que ocorrem nas frases:

- a) "Não se **trata** aqui de visões reacionárias ou conservadoras **recentes**. Já **antes** houve outras a este propósito." - **coesão gramatical temporal**
b) "Volto ao excelente filme *Eu, Daniel Blake*. Vi-o com muita atenção e agrado." - **coesão gramatical referencial (pronominalização)**

2.- Identifique o valor modal e tipo de modalidade configurados nas afirmações:

- a) "Volto ao excelente filme *Eu, Daniel Blake*." - **apreciativa**
b) "Os instrumentos tecnológicos não podem substituir o lápis." - **deôntica, valor obrigação**

3.- Indique o valor aspetual dos enunciados:

- a) "...ao lado desse progresso, vamos deparando com uma crescente aridez relacional..." - **iterativo**
b) "O lápis já não é o que era." - **genérico**

4.- Classifique a oração sublinhada: "Ainda que o lápis seja o velho companheiro da vida de tantas pessoas, ele apresenta-se como a face nova da contemporaneidade." - **Subordinada adverbial concessiva**

5.- Refira a função sintática desempenhada pelo segmento sublinhado na frase: "um papel amarrotado escrito por Blake e no qual exprimiui a sua paradoxalmente serena e inconformada revolta." - **Complemento agente da passiva**

10. Planificação Anual da disciplina

Conteúdos Programáticos - 1º Período

[Total de Aulas Previstas -56+/-]

Dominios	Tópicos de conteúdo	T	Avaliação
Unidade 0 Apresentação do programa e do manual	Atividades de diagnose		Observação direta de aulas:
Projeto de leitura	A seleccionar pelo aluno da lista proposta.		
Retoma de conhecimentos das aprendizagens	Ao longo do ano.		- compreensão e expressão oral e escrita.
Educação Literária	Contextualização histórico-literária. Breve referência aos movimentos de vanguarda enquadrados no Modernismo. Referência à Geração de Orpheu e à revista "Orpheu". Temáticas: <ul style="list-style-type: none"> • O fingimento artístico; • A dor de pensar; • Sonho e realidade; • A nostalgia da infância • Linguagem estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> • formas poéticas e formas estróficas, métrica e rima; • recursos expressivos: a aliteração, a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a personificação) 		Leitura Oralidade planificada Testes de avaliação formativa e sumativa
	Unidade 1 Fernando Pessoa Ortónimo (6 poemas)	Alberto Caeiro (2 poemas) <ul style="list-style-type: none"> • O fingimento artístico - o poeta bucólico; • Reflexão existencial - o primado das sensações. Ricardo Reis (3 poemas) <ul style="list-style-type: none"> • Fingimento artístico - o poeta "clássico"; • Reflexão existencial - a consciência e a encenação da mortalidade. Álvaro de Campos (3 poemas) <ul style="list-style-type: none"> • Fingimento artístico - o poeta da modernidade; • Reflexão existencial - sujeito, consciência e tempo; • Nostalgia da infância; • O imaginário épico; • A exaltação do moderno e o arrebatamento do canto Linguagem estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> • formas poéticas e formas estróficas, métrica e rima; • recursos expressivos: a aliteração, a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora, personificação; a interrogação retórica, personificação). 	
Gramática	Retoma e consolidação das funções sintáticas já estudadas; a frase complexa - coordenação e subordinação. Valor aspetual: perfeitivo, imperfeitivo, genérico, habitual, iterativo. Valor modal: modalidade apreciativa, epistémica, deontica		
Oralidade (Compreensão Oral Expressão Oral)	Debate Exposição sobre um tema Apreciação crítica Emissão de opinião		
Leitura	Apreciação crítica Exposição sobre um tema		
Escrita	Texto de opinião Exposição sobre um tema Apreciação crítica		
Descritores do perfil dos alunos	(a implementar ao longo do ano letivo) Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, G, I, J) Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I) Criativo (A, C, D, J) Responsável/ autónomo (C, D, E, F, G, I, J) Comunicador (A, B, D, E, H) Leitor (A, B, C, D, F, H, I) Crítico/Analítico (A, B, C, D, G) Cuidador de si e do outro (B, E, F, G)		

Conteúdos Programáticos - 3º Período

[Total de Aulas Previstas -30+/-]



Domínios	Tópicos de conteúdo	T	Avaliação
Educação Literária	Unidade 6 José Saramago <i>Memorial do convento</i> (Leitura integral)		Observação direta de aulas: - compreensão e expressão oral e escrita. Leitura Oralidade planificada
Gramática	Temáticas: <ul style="list-style-type: none"> • O título e as linhas de ação. • Caracterização das personagens. Relação entre elas. • O tempo histórico e o tempo da narrativa. • Visão crítica. • Dimensão simbólica. Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> • a estrutura da obra; • intertextualidade; • pontuação; • recursos expressivos: a anáfora, a comparação, a enumeração, a ironia e a metáfora; • reprodução do discurso no discurso 		Testes de avaliação formativa e sumativa
Oralidade (Compreensão Oral Expressão Oral)	Reprodução do discurso no discurso Organização de sequências textuais		
Leitura	Exposição sobre um tema Apreciação crítica Diálogo argumentativo		Auto e heteroavaliação
Escrita	Apreciação crítica Exposição sobre um tema		
Descritores do perfil dos alunos	Exposição sobre um tema Apreciação crítica Síntese		
	(a implementar ao longo do ano letivo) Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, G, I, J) Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I) Criativo (A, C, D, J) Responsável/ autónomo (C, D, E, F, G, I, J) Comunicador (A, B, D, E, H) Leitor (A, B, C, D, F, H, I) Crítico/Analítico (A, B, C, D, G) Cuidador de si e do outro (B, E, F, G)		